

CADERNO DE RESUMOS DO
II COLÓQUIO TRADUÇÃO E CRIAÇÃO

28 a 31 de maio de 2019

Universidade Federal Fluminense / Instituto de Letras

Comissão Organizadora:

Coordenação geral:

Carolina Paganine UFF/Coordenadora do ntc

Adalberto Müller UFF

Beethoven Alvarez UFF

Masé Lemos UNIRIO

Susana Kampff Lages UFF

Vanessa Hanes UFF

Comissão:

Emanuel Brito UFF

Fábio Cairolli UFF

Ekaterina Volkova Américo UFF

Giovana Mello UFF

Gisele Wolkoff UFF

Johannes Kretschmer UFF

Julia Scamparini UERJ

Renata Mancini UFF

Vitor Alevato do Amaral UFF

Apoio:

Universidade Federal Fluminense / Instituto de Letras

CNPq – Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico

PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DA LINGUAGEM – POSLING/UFF

LABESTRAD – Laboratório de Estudos da Tradução da UFF

ORDEM ALFABÉTICA POR PRIMEIRO NOME DO(A) AUTOR(A)

TRADUZIR WILLIAMS: UM PASSEIO POR FRAGMENTOS, CORTES E LACUNAS

Amarílis Lage de Macedo (PUC-Rio)

Em “Transluciferação Mefistofáustica”, Haroldo de Campos destaca a importância de traduzir não só o conteúdo semântico do poema, mas também sua forma, “quer dizer, em termos operacionais, de uma pragmática do traduzir, re-correr o percurso configurador da função poética, reconhecendo-o no texto de partida e reinscrevendo-o, enquanto dispositivo de engendramento textual, na língua do tradutor, para chegar ao poema transcrito como re-projeto isomórfico do poema originário”. Esse cuidado formal não fica mais frouxo quando se trata do verso livre. Afinal, a ausência de modelos pré-estabelecidos não significa ausência de regras. A diferença é que o poema em verso livre adota uma estrutura própria, e cabe ao tradutor identificá-la e entender que efeitos gera. Desejo abordar essa questão a partir do poema “The Rose is Obsolete”, de William Carlos Williams, traduzido por José Paulo Paes. O texto é inspirado no quadro “Flowers”, de Juan Gris. Para Williams, essa natureza-morta cubista exemplifica como a arte moderna pode fugir dos ditames da representação para reivindicar uma vida própria, desafiando nossos sentidos. Para reproduzir esse efeito de estranheza na linguagem, Williams vai fragmentar o texto com enjambments violentos. Minha meta é mostrar como esse diálogo, guiado por cortes e lacunas, conecta quadro, poema e tradução.

Palavras-chave: tradução, poesia, artes visuais.

INFÂNCIA, DE GRACILIANO RAMOS: *BILDUNGSROMAN* MODERNO?

Ana Maria Abrahão dos Santos Oliveira (UFF)

O artigo pretende analisar a aproximação do livro de memórias *Infância*, de Graciliano Ramos com o romance de formação, o *Bildungsroman*, além de fazer um breve histórico sobre o gênero e suas categorias. O *Bildungsroman* é uma narrativa em que se analisa o desenvolvimento cognitivo, sentimental e espiritual de um personagem. Na forma tradicional desse tipo de narrativa, o protagonista apresenta características comportamentais comuns ao herói, e é apreendido em episódios em que há um embate entre ele e o meio sociocultural em que está inserido e, por conseguinte, emerge a necessidade de compreender e, muitas das vezes, de dominar sua constituição física e psicológica, o que também se dá de forma conflituosa. Assim, deveria aprender, por etapas bem definidas, a familiarizar-se com os segredos e as dificuldades da vida no âmbito individual e no âmbito de seu relacionamento com o outro, tornando-se capaz de realizar suas experiências integrativas e produtivas, de acordo com o que viria a ser uma inquestionável inteireza de espírito e de caráter adquirida ao final da formação. Nesse contexto, tenciona-se discutir a reflexão de Wander Melo Miranda (2004) acerca do romance autobiográfico *Infância*, do autor alagoano, aproximando-o do gênero de romance de formação.

Palavras-chave: Infância – literatura brasileira – Graciliano Ramos – Bildungsroman

AS NUANCES DAS PALAVRAS NOS CONTORNOS DA LINGUAGEM

André Luís Borges de Oliveira (UFF)

Tornou-se praticamente um senso comum comparar o trabalho do tradutor com o ofício do traidor, conforme famoso trocadilho italiano. A contrarresposta natural está em ratificar o empenho de artista e artífice na tradução. Todavia, há de se fazer a ponderação a respeito da traição. Para reconhecê-la em toda tradução, convém partir do que as atraem: a semelhança linguística. Ambas possuem o prefixo

tra-, um atravessamento: lá negativo e cá, a princípio, neutro. A suposta neutralidade rivaliza com a noção de movimento imbuída à tradução. Afinal, algo pode cair pelo caminho. Numa visita ao restante das palavras, constatamos não só que os verbos latinos *do* e *duco* exprimem deslocamento, mas também que é notável o paralelo entre traição e tradição, duas palavras etimologicamente idênticas, mas que, ao longo da evolução da língua, tomaram sentidos díspares. Em seguida, deparamo-nos com o convite a pensar o que de tradição existe em toda tradução. Agora, o senso já não é tão comum. A tradição, que se quer estável, convive com uma origem fluida, melindre, traíra, bem como a tradução precisa se deparar com esta dupla realidade: conversar com a tradição para, por fim, traí-la. “A tradução não diz respeito apenas a uma passagem entre duas línguas, mas entre duas culturas” (ECO, 2007, p. 190), ou seja, a tradução dialoga com a tradição (a cultura, a língua etc.) e propõe um atravessamento para outra tradição, ora mais fiel, ora menos – não ao original, mas ao diálogo. Palavras-chave: Tradição. Linguagem. Tradução. Filosofia.

CONTRA UN PODER TAN TIRANO: PROPOSTA DE TRANSPOSIÇÃO CRIATIVA DA POESIA SOCIAL DE MIGUEL HERNÁNDEZ

Andrea Cristiane Kahmann (UFPel)

O presente trabalho apresenta uma tradução comentada, assim entendida a reflexão introspectiva e retrospectiva do processo de transposição criativa de [*Contra un poder tan tirano*], do poeta espanhol Miguel Hernández (1910 – 1942). Os comentários sobre o processo tradutório, enfocando questões como a pulsão tradutória (a escolha do poeta e do poema a traduzir) e o delineamento de um projeto de tradução para fazer frente às dificuldades metrorrítmicas e de marcadores culturais presentes no poema conformam os aspectos principais deste trabalho, que se encerra apresentando o poema traduzido resultante deste processo. Assim, e com base no arcabouço referencial de Haroldo de Campos (2015), para quem traduzir é sempre teorizar, pretende-se compartilhar com os/as pares, os/as colegas tradutores/as, não apenas o resultado da nossa tradução (o poema traduzido), mas reflexões sobre o projeto de tradução possível no tempo e lugar em que nos situamos, o horizonte de tradutor/a e expectativas para a obra traduzida.

Palavras-chave: Tradução de poesia. Transposição criativa. Tradução Comentada. Miguel Hernández. Literatura espanhola em tradução.

GIANFRANCO CONTINI O ESTILO EXPRESSIONISTA E A ÉTICA DA LEITURA

Andrea Lombardi, UFRJ

É de Gianfranco Contini idéia de um expressionismo de certa forma “ampliada”, para além do período histórico das vanguardas da Primeira Guerra Mundial. Um conceito que estende sua influência a autores de épocas e de estilos mais variados. Para o crítico italiano, a obra de Gadda (autor da *Cognizione del dolore* e do *Pasticciaccio*), bem como a de Joyce e de Guimarães Rosa, são exemplares desse novo tipo de expressionismo: marcadamente plurilíngue, e com a tendência a realizar escolhas estilísticas exuberantes. Um estilo, portanto, que - de certa forma - se impõe sobre o tema. A verdadeira descoberta de Contini é que, analogamente à reflexão de Borges em *Kafka e seus precursores*, essa visão *expressionista* pode ser produtiva não somente para a reflexão sobre as obras dos autores da modernidade, mas também para a análise de obras do passado, portanto: de Rabelais ao menos conhecido Teófilo Folengo (o macarrônico), até chegar a Dante Alighieri. Desta forma, a literatura (especialmente a italiana) pode ser “relida”, à luz da possibilidade que esse estilo “expressionista” possa evidenciar nas obras novas nuances, perspectivas, fissuras e fragmentos.

Interessante, por ex., é pensar num Dante *transgressivo* (nos temas e em suas escolhas estilísticas), um Dante mais próximo dos poemas do trovador Arnaut Daniel (consagrado no título da revista *Noigandres*, dado por Augusto de Campos, Haroldo e Décio Pignatari), nos anos '50, do que de uma figura de *pai da língua italiana*, retoricamente construída no séc. XIX.

Palavras-chave: Gianfranco Contini, ética da leitura, expressionismo.

A ADAPTAÇÃO A SERVIÇO DO LETRAMENTO LITERÁRIO EM NÍVEL SUPERIOR – EXPERIMENTANDO A ‘LEITURA FÁCIL’ NO CONTEXTO DA SALA DE AULA DE LITERATURA ALEMÃ

Anelise F. P. Gondar (UERJ)
Ana Carolina C. da Silva (UERJ)

No contexto universitário brasileiro, o ensino de língua e literatura alemãs enfrenta desafios de diversas ordens, dentre os quais a heterogeneidade do corpo discente quanto à proficiência em língua alemã e o (des-) conhecimento por parte de muitos ingressantes no ensino superior acerca de elementos culturais característicos das literaturas de expressão alemã. A partir de insumos teórico-conceituais em torno da utilização da linguagem simples (*einfache Sprache*) e da linguagem fácil (*leichte Sprache*) para garantir a acessibilidade à leitura no contexto alemão e também de aportes da didática de literatura, apresentaremos uma experiência que vem sendo realizada no curso de Letras da UERJ, Habilitação Português-Alemão, de utilização de adaptações/ textos de fácil leitura (*leichte Lektüre*) em sala de aula de Literatura Alemã. Após apresentarmos a discussão a esse respeito no contexto de letramento social na Alemanha em geral e da possibilidade de aproveitamento da iniciativa no ensino de língua estrangeira em particular, elucidaremos os passos utilizados para inserção e aproveitamento deste material em sala de aula e discutiremos seus potenciais benefícios para o processo de ensino-aprendizagem.

Palavras-chave: tradução e adaptação; letramento literário; leitura fácil.

AFINIDADES ELETIVAS. NOTAS SOBRE AS TRADUÇÕES DE PRIMO LEVI

Anna Basevi (UERJ/ FAPERJ)

A aventura das múltiplas traduções do escritor italiano Primo Levi (1919-1987), sobrevivente de Auschwitz mas também reconhecido como um grande narrador do século XX, apontam para a importância de uma leitura atenta, competente das questões testemunhais e literárias, e capaz de se colocar numa dimensão relacional. Se o ato tradutório pode ser abordado como relação entre textos (Meschonnic) - e não apenas entre línguas -, a solução de empasses ou o enriquecimento que advém da soma do original com seu texto traduzido pode se dar também graças a relações pessoais e de intensa escuta entre escritor e tradutor ou, se quisermos usar uma expressão ao mesmo tempo química e literária, graças às afinidades eletivas instauradas na leitura (e releitura operada por ambos). Interessantes casos das traduções alemãs, inglesa e francesa do primeiro texto de Levi, *Se questo è un uomo* (1947/ 2 ed.1958), serão relatados para compor um quadro panorâmico de sucessos e problemáticas, mas também para introduzir a questão específica da tradução brasileira do livro (editora Rocco, 1988), seus limites e potenciais desafios futuros.

Palavras-chave: literatura de testemunho, Primo Levi, tradução.

A TRADUÇÃO DO (IM)POSSÍVEL? O DESAFIO DO *FRANGLAIS* EM *LES ENFANTÔMES* DO CANADENSE RÉJEAN DUCHARME

Arnaldo Rosa Vianna Neto (UFF)

Nesta pesquisa, destacamos algumas singularidades da literatura canadense, no romance *Les enfantômes* do escritor quebequense Réjean Ducharme, e o desafio de sua tradução em uma concepção interacional, acreditando que o dialogismo é o fundamento do pensamento complexo (MORIN, 2011). Nesse sentido, o tradutor tem um duro caminho a percorrer entre as palavras e as coisas para adquirir o material cultural (*ethnocultural*) sobre o qual fala a língua (a acumulação semântica e suas ressignificações) a ser traduzida. A língua de chegada certamente implica a existência de outra linguagem, de outra percepção do real. A tradução não é apenas uma operação linguística, ela não põe em jogo somente a linguística interna, mas também a psicolinguística, a sociolinguística, a etnolinguística e toda a antropologia cultural. Este é o desafio de tentarmos traduzir para o português uma singularidade linguístico-cultural, o “franglais”, específica da Província Canadense denominada Quebec, oriunda de um fato histórico que criou uma relação tensa e conflituosa entre francófonos e anglófonos. Assim, demonstramos o jogo do (im)possível da tradução, verificando primeiro a tradução da língua francesa para a portuguesa, mantendo-se a inglesa, e, depois, traduzindo-se o inglês para o português, sem tradução do francês. Como resultado, teríamos o *portuglês*? Ou o *portugália*? O problema decorre da situação geopolítica e sociológica específica do Quebec e de algumas regiões das Províncias Marítimas do Canadá, fato (formação de uma língua oriunda do choque político-cultural entre as línguas francesa e inglesa) inexistente na constituição histórica da identidade cultural brasileira.

Palavras-chave: tradução - *franglais* - Canadá

REINTERPRETANDO O ROTEIRO DE AUDIODESCRIÇÃO: PROPOSTA PARA UMA AUDIÊNCIA ESPECIAL

Bárbara Cristina dos Santos Carneiro (PPGLINC/UFBA)

Entender uma cena onde um funeral está acontecendo, ou perceber a chuva de mentira que cai de um cano de irrigação parece ser fácil. Ao assistir a um filme, entendemos cada momento a partir da construção de uma narrativa onde histórias são contadas e reveladas a medida que as imagens são captadas. Se tratando de uma audiência que não apresenta, a priori, nenhum tipo de impedimento sensorial, a apreciação de uma obra cinematográfica se torna fluída. A partir do momento que nosso público apresenta, porém, uma deficiência visual, entendemos que uma versão acessível deva ser disponibilizada com o recurso da audiodescrição, para que essa audiência tenha acesso àquela informação que não lhe é rendida, as imagens. Atualmente, os estudos acerca da audiodescrição destinada às pessoas com deficiência visual têm avançado e, com isso, a qualidade e reflexão da tradução tem sido asseguradas durante o processo de criação do roteiro de audiodescrição. Muitos parâmetros e regras foram criados para garantir esses aspectos, ainda que alguns estudiosos e professores na área discordem em alguns pontos, a AD para esse público em específico está consolidada nas práticas e recursos audiovisuais brasileiro. Entretanto, para este trabalho, buscamos refletir a audiodescrição para o público com deficiência intelectual, reinventando o roteiro atualmente construído para que este atenda às necessidades deste novo público alvo.

Palavras-chave: Audiodescrição; Roteiro de audiodescrição; Deficiência intelectual; Roteiro interpretativo.

A NATUREZA SEMIÓTICA DA LEGENDA

Barbara Tannuri Maluf (UFF)

Concebida como um código semiótico concorrente e solidário em um texto sincrético, a legenda será discutida sob perspectiva dialógica entre os estudos da tradução audiovisual e a teoria semiótica discursiva. Assumimos a legenda como o produto de uma tradução interlingual e intersemiótica, que demanda a observância de coerções e limitações entre as linguagens envolvidas no processo de tradução de um plano de expressão a outro, cabendo ao tradutor fazer escolhas que representem o justo equilíbrio entre as dimensões visual, oral e escrita, concorrentes em um mesmo texto (DÍAZ CINTAS, 2017). O conceito greimasiano de sincretismo corrobora a ideia de que o significado de um filme ou outro produto audiovisual é mais do que a simples soma dos significados de cada um dos elementos ou códigos semióticos (cf. GAMBIER, 2017). É, então, na enunciação, ou seja, no ato de produção do discurso, que se dá o efeito de unidade. Entendido como projeto enunciativo, o *texto* implica uma relação dialógica entre enunciador e enunciatário, na qual o primeiro utiliza estratégias de textualização que se estabelecem e se moldam em função do perfil do segundo (MANCINI, 2018). Como estratégia de textualização e elemento de significação, analisaremos a legenda do filme *Lavoura arcaica* para o inglês (2001), observando proximidades e afastamentos, em menor ou maior grau, entre as isotopias presentes nos dois projetos enunciativos, tendo como material de cotejo das escolhas tradutórias a tradução do livro homônimo de Raduan Nassar para o inglês, *Ancient Tillage* da tradutora Karen Sotelino, publicada pela *Penguins Classics* (2015).

Palavras-chave: Tradução audiovisual; Tradução intersemiótica; Isotopias temático-figurativas; Projeto enunciativo

LEGENDAGEM E VERSÃO: (RE)PENSANDO A ASSIMILAÇÃO E A RESISTÊNCIA

Bruno Leivas (UFF/bolsista PIBIC)
Giovana Mello (UFF/orientadora PIBIC)

Esta comunicação aborda o projeto de iniciação científica *Tradução em Foco: pensando a legendagem*, desenvolvido no âmbito do GLE – Departamento de Letras Estrangeiras Modernas da UFF. O projeto relaciona-se com a parceria entre o Labestrad/UFF – Laboratório de Estudos da Tradução e o LAS – Laboratório Arquivos do Sujeito, criador da *Enciclopédia Audiovisual Virtual de Termos, Pesquisas e Conceitos em Análise do Discurso e em áreas afins*, a qual objetiva a divulgação científica de pesquisas brasileiras por meio de vídeos-verbetes disponibilizados online. A pesquisa de IC envolve realizar e refletir sobre o processo de legendagem para o inglês (versão) de dois vídeo-verbetes da *Enciclopédia*. Parte-se do referencial teórico dos Estudos da Tradução, mais especificamente dos conceitos de *reescrita* e *patronagem* (Lefevere, 1992) e de *domesticação* e *estrangeirização* (Venuti, 1986, 1995 e 1998) para pensar a versão para legendagem de vídeo-verbetes acadêmico-científicos como processo sócio-histórico e político-ideológico. Para discutir a tradução audiovisual, parte-se dos estudos de Gotlieb (2004), Martinez (2007) e Naves (2016), que apontam a legendagem como tradução diagonal (do texto oral para o escrito) e a síntese como sua principal característica (até por considerar que o espectador precisa ver a imagem, ouvir o som e ler a legenda). Parte-se também da Análise do Discurso francesa (Pêcheux, 1975), por ser o objeto dos vídeos vertidos e uma área que trata a enunciação (inclusive a científica) como processo ideológico complexo. Busca-se refletir a prática da versão como possibilidade de resistência em uma modalidade de tradução que privilegia o contexto receptor da tradução.

Palavras-chave: Estudos da Tradução; Legendagem/Versão; Enciclopédia

SEMEANDO POESIAS AO ACASO

Carmem Teresa do Nascimento Elias (Colégio Pedro II)

Relato das etapas de realização do projeto socioeducativo cultural “Poesias Ao acaso”, exposição e oficina de criação literária para alunos e público em geral: a estrutura da exposição de foto poesias, as oficinas interativas, e apresentação do produto final, com vídeos, fotos e traduções simplificadas dos textos produzidos. O encantamento com atividades multiculturais e artísticas – notadamente com poesia e imagens - transformam as relações cotidianas em experiências que proporcionam amadurecimento, autoconhecimento e sensibilização humana, além de expandir as possibilidades de utilização e expressão dos códigos linguístico, visual e artístico em atividades lúdicas e produtoras para escolas e para sociedade.

BORGES TRADUZIDO: A LITERALIDADE COMO ESTRATÉGIA TRADUTÓRIA NO CONTO “EL INMORTAL”

Claudio Luiz da Silva Oliveira (UFAC/UFSC)

Este trabalho tem por objetivo fazer uma crítica a tradução do conto “*El Inmortal*”, presente no livro “*El Aleph*”, do escritor argentino Jorge Luis Borges, feita pelo escritor catarinense Flávio José Cardoso. Baseamo-nos em uma entrevista do próprio tradutor concedida a pesquisadoras da Universidade Federal de Santa Catarina para pautar a crítica com base no que ele descreve como sendo “desafiador” traduzir Borges, preferindo manter uma linha teórica da tradução arrolado na teoria literal da tradução, que tem como principais defensores Aubert (1987) e Newmark (1988). Por meio desta pesquisa percebemos que traduzir um escritor tão renomado se torna um desafio ainda maior, levando o tradutor a optar por uma estratégia tradutória o mais próxima do texto original, com receio de cometer a tão discutida “infidelidade” na tradução.

Palavras-chave: Tradução literária. Jorge Luis Borges. El inmortal. Flávio José Cardoso. Tradução literal.

“GRANDE SERTÃO”, AS VEREDAS DO SUBTEXTO E O TEXTO-VIVÊNCIA NA ADAPTAÇÃO DO LIVRO PARA A TV

Clóvis Saint-Clair (UFF)

A minissérie “Grande Sertão: Veredas” (1986), de Walter Avancini, é um marco na teledramaturgia brasileira. Trata-se da adaptação para a TV do livro de Guimarães Rosa (1956), considerado, por muitos, intraduzível e mesmo inadaptável. A partir da análise dessa tradução intersemiótica, esta pesquisa pretende investigar os critérios de seleção para a construção dessas narrativas sob o aspecto daquilo que é dito pelo não-dito, em seus procedimentos e estratégias, segundo as especificidades de cada linguagem e de acordo com as coerções próprias do âmbito mercadológico e da dinâmica comercial da TV. Como defende o escritor argentino Ricardo Piglia em “Formas Breves” (2004:91), “o mais importante nunca se conta. A história é construída com o não-dito, com o subentendido e a alusão”. Desta forma, a pesquisa pretende circunscrever semioticamente o termo subtexto — já consagrado no teatro e na TV, mas ainda não consolidado na teoria semiótica — identificando seus procedimentos e apresentando-o como um conjunto de estratégias do não dizer que desembocaria naquilo que chamamos de texto-vivência, em que o enunciatário completa o sentido dado pelo

enunciador no texto, por meio de catálises, de modo mais ou menos concessivo, dependendo das escolhas feitas pelo sujeito da enunciação. O projeto será constituído basicamente da análise fílmica da minissérie, numa leitura comparada com trechos do livro, a partir de conceitos das semióticas standard e tensiva.

Palavras-chave: Minissérie; Grande Sertão: Veredas; Semiótica.

MARINA CARR NO BRASIL: UMA ANÁLISE DA TRADUÇÃO “NO PÂNTANO DOS GATOS”

Cristiane Bezerra do Nascimento (UFSC)

O presente artigo tem como objetivo apresentar a dramaturga irlandesa Marina Carr, bem como fazer uma análise crítica da tradução da peça teatral *By the bog of cats*, traduzido no Brasil como *No pântano dos gatos* pela tradutora e dramaturga Alinne Fernandes. *By the bog of Cats* é uma das obras mais importantes de Carr, sendo estreada no Abbey Theatre, o Teatro Nacional Irlandês, durante o Dublin Theatre Festival, o mais renomado festival de teatro da Irlanda. Embora Carr seja um dos nomes mais influentes do teatro contemporâneo, a dramaturga é praticamente desconhecida no Brasil. *No pântano* é uma tradução exclusiva, sendo a única peça da Marina Carr publicada no Brasil até a presente data. A obra recebeu uma leitura dramática no Teatro da UFSC, em 29 de junho de 2010. Dito isto, busca-se fazer uma análise crítica da tradução da peça voltada a perspectiva da tradutora através de uma entrevista com a mesma, averiguando as escolhas tradutórias mais interessantes presentes na peça, bem como propor um diálogo sobre a necessidade de se traduzir Marina Carr no Brasil.

Palavras-chave: Teatro irlandês; Marina Carr; *No pântano dos gatos*

TRADUÇÃO E DISCURSO: O TEXTO TRADUZIDO COMO PRODUTOR DE “VERDADE”

Débora de Castro Barros (UFRJ/Capes)

Embora Michel Foucault não tenha empreendido uma análise da tradução, seu trabalho sobre as articulações do poder e o discurso pode servir de base para examinar as relações que se estabelecem entre o trabalho do tradutor e o texto produzido por ele. Assim, o cerne deste texto é a questão da verdade discursiva. Como, para o filósofo, não existe um “regime de verdade discursivo”, esta é produzida *pelo* e *no* discurso. Desse modo, o que Foucault procura mostrar é que essas “verdades” podem modificar-se a partir do momento em que as regras de formação dos discursos que portam essas supostas verdades são também modificadas. E, assim, se o discurso produz “efeitos de verdade”, está, por sua vez, permeado pelos efeitos de poder que percorrem todo e qualquer discurso. Contudo, para entender o discurso do tradutor sob essa perspectiva, é preciso ressaltar que, sob a presente perspectiva de análise, não existe a dicotomia linguagem/realidade, pois a realidade não pode ser considerada uma “entidade”, ou seja, algo que apresenta uma essência em si, aprioristicamente falando. Se o discurso não é algo que se diz sobre uma realidade preexistente, a realidade é construída *pelo* e *no* discurso, como dito, na prática, o que questiona a crença em uma “verdade transcendental” que deveria ser buscada, mas que nunca poderia ser alcançada, porque inacessível. Essa verdade, para Foucault, não existe.

Palavras-chave: tradução, discurso, Michel Foucault, verdade (produção de), efeitos de discurso.

ANÁLISE DA TRADUÇÃO DE DIALETOS NEGROS NORTE-AMERICANOS EM OBRAS FÍLMICAS: UM ESTUDO COMPARATIVO ENTRE LEGENDAS

Diana Ribeiro de Araujo (UFF)

Vanessa Lopes Lourenço Hanes (orientadora, UFF)

Esta comunicação, parte de um projeto de pesquisa mais amplo em andamento, visa, com base em estudos de caso, apresentar como dialetos negros dos Estados Unidos são abordados em traduções de obras fílmicas através da legendagem. Para tanto, serão debatidos os achados de análises das versões em DVD legendadas para o português brasileiro de dois filmes norte-americanos nos quais o discurso de personagens negros ocupa lugar de destaque: *Fences* e *The color purple* (no Brasil *Um limite entre nós* e *A cor púrpura*). A pesquisa considera como bases teórico-metodológicas principais os Estudos Descritivos da Tradução, que objetivam descrever os contextos tradutórios sem juízos de valor com relação à qualidade tradutória, e referências da área de Sociolinguística, visando problematizar a descrição das descobertas referentes ao uso da língua. As ocorrências de dialetos afro-americanos da língua inglesa selecionadas foram tabuladas lado a lado com suas legendas em português brasileiro. Os resultados encontrados indicam que não há, nas obras fílmicas analisadas, nada que marque uma forma de falar de um grupo étnico-racial nem tampouco de um grupo social específico, ocorrendo, portanto, o apagamento da presença dialetal nas legendas estudadas. Esses resultados confirmam a hipótese inicial explorada na pesquisa proposta, já sinalizada por estudos prévios, de que há uma tendência à uniformização/homogeneização do discurso dialetal traduzido no Brasil, utilizando-se o português segundo a norma culta. Embora em alguns momentos as legendas apresentem expressões mais próximas da oralidade brasileira, de modo geral o registro alto é flagrante pelo uso de estruturas gramaticais específicas.

Palavras-chave: tradução fílmica; tradução dialetal; oralidade em tradução.

INTERPRETAÇÃO, LEGENDAGEM E CONTEÚDOS VIRAIS COMO PROCESSOS DINÂMICOS DE CRIAÇÃO

Edelcio Américo (USP/UFF)

A presente comunicação tem como objetivo principal debater algumas atividades profissionais estritamente relacionadas aos estudos de língua e culturas estrangeiras, e que igualmente podem ser seguidas por alunos formados em letras. Tais atividades possuem entre suas características o dinamismo e a instantaneidade de sua criação e recepção, além de demandarem discrição e, na maioria dos casos, anonimato. As modalidades aqui apresentadas serão a interpretação (simultânea, consecutiva ou "sussurrada") a legendagem (em especial, criação e projeção para cinema e teatro) e a tradução de conteúdos virais da internet. Entre as principais linhas que unem as atividades supraindicadas temos a interação e reações rápidas, muitas vezes simplesmente emocionais ou afirmativas/negativas, do interlocutor desse processo de comunicação, ou uma crítica também imediata de públicos de diferentes históricos, níveis de conhecimento e percepções.

Palavras-chave: Interpretação, legendagem, processo instantâneo, dinamismo

A FLUIDEZ DA ESCRITA: EXPERIÊNCIAS ENTRE A ESCRITA ACADÊMICA E AS NARRATIVAS CONSTRUÍDAS PARA UM BLOG

Elbert Agostinho (CEFET-RJ /PPRER)

O presente trabalho apresenta-se como um exercício de reflexão sobre as distintas possibilidades de escritas, e a fluidez e particularidade existente em cada construção, pois, a escrita é isso: a ciência das fruições da linguagem (BARTHES, 2015). Nesse sentido, observou-se a diferença entre a elaboração de artigos acadêmicos para congressos, simpósios, seminários e revistas, e a habilidade de dialogar com um público leitor que acompanha um blog intitulado “HQ’s com Café”, levando em consideração que ao iniciar o ofício de escrever, deve-se conhecer o lugar, o que deseja dizer, e como funcionar (KALLAS, 2014). Observa-se também em tal prática, a experiência de lidar com diferentes públicos e saberes, portanto, a vontade de saber é reconduzida pela maneira como o saber é disposto numa sociedade (FOUCAULT, 1970). Em suma, nota-se que todo ato de linguagem é um ato de comunicação, e que o estudo entre a linguagem, o sentido e o lugar social constituem o objeto da análise do discurso (CHARAUDEAU, 2003), notando também, que a palavra (nesse sentido o ato da escrita), é a arena onde se confrontam os valores sociais (BAKHTIN, 2014), portanto, observa-se a importância de experimentar diferentes linguagens evidenciando assim, o caráter fluído existente na prática da escrita.

Palavras-chave: escrita, bakhtin, história em quadrinhos, barthes.

POÉTICA DO *SER-COM* EM *I TU*, DE CECÍLIA VICUÑA: PROVOCAÇÕES PARA A TRADUÇÃO DO ESTRANGEIRO EM PERFORMANCE

Profa. Dra. Eleonora Frenkel Barretto (FURG)

Esta comunicação se propõe a discutir um problema para a tradução que se expõe em poéticas caracterizadas pelo hibridismo entre línguas diversas, como uma poética do *ser-com*, lida em textos de Cecília Vicuña. A tessitura composta pela escritora, em *I tu* (2004), entre o espanhol, o inglês, o quíchua, o guarani, o grego e o latim, provoca um questionamento sobre a possibilidade de pensar um espaço de suspensão da tradução como transcodificação linguística, dando lugar ao contato entre línguas e culturas heterogêneas, cujas relações hierárquicas e de poder são subvertidas; não se traduziria de uma língua à outra, mas se provocaria a escuta do estrangeiro como dimensão ética. A criação dessa língua “outra”, diversa de todas aquelas que a compõem, é pensada como “heterotopia” (Foucault), como *contraespaço* de contestação da homogeneização de línguas no âmbito dos Estados nacionais; e, a partir desse texto que se configura como espaço literário, aberto à leitura, o leitor se traduz em tradutor, buscando a dicção, o timbre e o ritmo das línguas estrangeiras que o compõe. A reflexão leva a pensar as relações entre texto, tradução e performance; a tradução como performance do texto, desde um grau mínimo, como o da leitura silenciosa (Zumthor), às performances poéticas que Cecília Vicuña realiza e que acompanham seu trabalho de escrita. O texto lido em voz alta e/ou a performance de poesia oral em diversos ambientes ampliam esses espaços de “tradição” (Flores e Gonçalves), de remissão da letra ao corpo e do corpo à letra, onde, por vezes, a compreensão do texto pode não ser o essencial, e sim a partilha sensível de um tempo de escuta, como o da escuta musical.

Palavras-chave: Cecília Vicuña; Literatura latino-americana; Tradução; Performance.

TRADUÇÃO DE *THREE WOMEN: A POEM FOR THREE VOICES*, DE SYLVIA PLATH E A MATERNIDADE COMPULSÓRIA

Elis Maria Cogo (UFSC)

Das experiências expostas nos trabalhos de Sylvia Plath, os temas recorrentes são os corpos femininos e a maternidade, os quais são abordados de forma intensa e, muitas vezes, conflitante. À vista disso, destaca-se o poema *Three Women: A Poem For Three Voices*, no qual Plath descreve três mulheres e suas respectivas adversidades com a maternidade. Diante disso, almeja-se discutir a importância cultural e universal da maternidade e, principalmente, das escolhas das mulheres em relação aos seus corpos, uma vez que regulados pelo Estado, o direito de escolha é muitas vezes coibido. No que cerne à tradução, a comunicação se dará com base em uma visão contemporânea de tradução para o palco (ao tempo em que a relaciona a identidade feminina e a maternidade compulsória), visto que o poema de Plath foi escrito para ser encenado, ou seja, possui todas as nuances de uma peça teatral e há de se considerar todos os signos ditos e não ditos.

Palavras-chave: Sylvia Plath. Tradução. Poema. Maternidade compulsória.

VULGARIZAÇÃO: A TRADUÇÃO DO LATIM PARA AS LÍNGUAS VULGARES ITÁLICAS

Prof. Dr. Emanuel França de Brito (UFF)

Resumo: Busca-se observar o papel da vulgarização de textos latinos, na Florença do séc. XIII, na formação do panorama cultural em torno da língua *volgare*. “Natural” e presente não apenas na oralidade como na poesia, essa língua passa a se afirmar gradualmente em estilo culto na prosa, aparecendo em vários gêneros: seja para a difusão de obras tratadísticas da retórica e oratória clássicas, como para obras filosóficas, morais, científicas, historiográficas, didáticas e ficcionais. A partir de então, o conhecimento teórico e as belas letras se dirigem a um público não apenas versado no idioma erudito da época, caracterizando um novo olhar sobre a comunicação escrita cuja expressão mais evidente se encontra no *Convívio* de Dante. A gênese desse fenômeno tradutório acaba por gerar uma língua híbrida na prosa, um proto-italiano ainda distante dos ambientes populares e comerciais, mas que procura se embasar tanto na língua falada dos círculos eruditos e administrativos da cidade quanto na transposição de termos da língua latina ao *volgare*. Entre as figuras de relevo em tal operação, destacamos Brunetto Latini e a sua *Rettorica* que, com objetivo claramente didático traz do latim para o *volgare* parte do *De inventione* ciceroniano “assimilando a tradição latina com um gosto de clareza e de harmonia desenvolvido no recente esforço da autoconsciência cultural” (C. Segre, *Lingua, stile e società*, 1976, p. 44).

Palavras-chave: Vulgarização, Brunetto Latini, Dante Alighieri

NOTAS SOBRE A TRADUÇÃO NO *ZIBALDONE* DE GIACOMO LEOPARDI

Fabrizio Rusconi (UFRJ)

O *Zibaldone di Pensieri* (1817-1832) de Giacomo Leopardi contém inúmeras passagens em que o autor se detém no problema da tradução. Leopardi, não é apenas um grande poeta lírico, mas também um grande pensador, um filósofo e um tradutor. Nesse sentido, a sua reflexão sobre a tradução considera tanto os problemas concretos e práticos que se apresentam ao tradutor, quanto questões gerais que concernem à língua, às civilizações, às culturas, como também, com grande perspicácia e

antecipando sua época, reflete em uma perspectiva histórica sobre a experiência dos leitores. Páginas esclarecedoras em que é discutida a fruição histórica dos textos pelos leitores, aberturas que parecem antecipar posições consolidadas pela teoria da recepção, como a de horizonte de expectativa. Posicionar-se sobre Leopardi tradutor e teórico da tradução exige um confronto com questões gigantescas: a diferença entre culturas, tanto no plano histórico (diacrônico) quanto no geográfico (sincrônico); o problema do belo e da sua relatividade histórica e cultural; a posição do leitor, sempre historicamente posta perante a língua; a origem das línguas e sua diferenciação histórica e contingente; o laço profundo e incindível entre palavras e pensamentos. O intuito desse trabalho visa, portanto, um confronto com essa obra única que é *Zibaldone*, ao encontro das reflexões mais lúcidas e significativas sobre línguas e tradução.

Palavras-chave: Leopardi; *Zibaldone*; línguas; tradução.

A COMPREENSÃO COMO TRADUÇÃO E O PROBLEMA DO *PÓTHOS* HOMÉRICO

Felipe Marques Maciel (UFRJ/PPGLC/LHIA)

Em que medida um conceito é capaz de recuperar uma realidade histórica ou literária afastada de nós no tempo e no espaço? Uma vez que “cada língua constrói um conjunto de mundos possíveis e cartografias de memória” (STEINER, 2005, p. 16), pode a tradução *restituir* linguisticamente, com algum sucesso, uma experiência vivida em mundos outros que nos são absolutamente estranhos? Esta comunicação pretende utilizar o exemplo do *póthos* (e suas respectivas dificuldades de tradução) para discutir a relação entre texto, conceito e realidade na poesia homérica em passagens selecionadas da *Odisseia*. Utilizaremos como referência teórica a discussão sobre o processo tradutório que George Steiner faz em seu *Depois de Babel: questões de linguagem e tradução*.

Palavras-chave: Homero; Odisseia; poesia épica; Grécia arcaica.

TRADUÇÃO E LEGENDAGEM EM RUPAUL'S DRAG RACE: LINGUAGEM *QUEER*, SUBVERSÃO E PERFORMANCE

Fernanda Pôrto Corrêa (UFF)

A presente proposta revela o início de uma investigação da tradução audiovisual (TAV) da linguagem de um grupo social manifestada no *reality show* RuPaul's Drag Race. O programa, cujo formato é de forte apelo popular, traz à tona do *mainstream* uma representação cultural marginalizada em sua existência performática, que lança mão de uma linguagem polifônica, polimorfa e expressiva de identidades desviantes e não normativas. Acreditando-se que a orientação *queer* dos sujeitos, das ideologias e da linguagem exposta materializa-se em um objeto de estudo, seguem sob averiguação as origens dessas manifestações linguísticas na cultura de partida e seus paralelos na de chegada. Também fomenta esse trabalho a crença de que a linguagem do programa, assim como as performances, subverte padrões, constituindo-se em um dialeto com normas, formas e características lexicais e de adequação próprias. Ademais, crê-se em uma abordagem que indica ser frutífera a correlação com ocorrências linguísticas e registros plurais igualmente periféricos do inglês dos Estados Unidos, a saber o AAVE - African-American Vernacular English, ou o inglês falado pelas populações negras norte-americanas, e o Southern American English, dialeto oral presente em dezesseis estados da região sul do país. Por fim, busca-se compreender como que existências performáticas, difusas e postas à margem pela heteronormatividade estabelecem por meio da linguagem suas potências. Entendendo as negociações identitárias, as arenas de disputa e os jogos de poder, analisa-se a tradução e a legendagem audiovisuais de grupos igualmente desviantes no contexto brasileiro, à luz dos estudos da tradução, da sociolinguística, da análise do discurso, dos

estudos culturais e da teoria *queer*.

Palavras-chave: tradução, *queer*, linguagem, identidade, performance.

CELEBRANDO PONTES TRANSCULTURAIS: *SLAM POETRY*

Fernanda Vieira de Sant' Anna (UERJ/FAPERJ)

A tradução de *Slam Poetry* é um desafio, mesmo para os tradutores mais experientes. A reescrita de textos tão atuais, elaborados para serem performados e, normalmente, politicamente engajados resalta o choque de realidades e culturas que se transculturalizam durante a tradução. Os *Slam Poetry*, ou apenas Slams, são eventos de poesia cujo foco da audiência reside na apresentação de poesia que foi composta e ensaiada para ser performada (SMITH; KRAYNAK, 2009, p. 3), dessa forma, a conexão entre autor e público é direta e intensa, carregando a força da tradição oral. Nesse sentido, este trabalho objetiva discutir o processo criativo de reescrita de *Slam Poetry*, tendo como recorte a edição de 2018 do *Rio Poetry Slam - Campeonato Mundial de Poesia Falada*, sediado pela FLUP (Festa Literária das Periferias), no qual atuei como parte da equipe de tradutores colaboradores do *Escritório Modelo de Tradução Ana Cristina César* do Instituto de Letras da UERJ, coordenado pela Profa. Dra. Maria Aparecida Andrade Salgueiro – projeto de ponta, que, para além do compromisso com a formação de tradutores e a tradução interlingual, é comprometido com os aspectos interculturais inerentes aos textos; e, ainda, é parceiro da FLUP desde 2014, atuando na tradução e versão dos poemas escritos em diferentes línguas.

Palavras-chave: Poetry Slam. Escrita criativa. Tradução. Tradução transcultural. Reescrita.

A COMPLEMENTAÇÃO ENTRE A NARRATIVA *THE HANDMAID'S TALE* E SUA TRADUÇÃO (INTERSEMIÓTICA)

Flávia Giacobbo Ribeiro (FURG)

Eleonora Frenkel (FURG)

O presente trabalho tem por objetivo analisar a relação existente entre a primeira versão da narrativa *The Handmaid's Tale*, de Margaret Atwood, e a considerada última versão da mesma, que se trata da adaptação televisiva em forma de seriado, com mesmo nome. Tida como tradução Intersemiótica, conceito originado por Roman Jakobson, considera-se a versão para a série televisiva como atualização da arte cinematográfica, o que dá-nos oportunidade de discutir a autoria do tradutor ao recriar o livro publicado no ano 1985. À luz dos estudos de Walter Benjamin, expostos em *A tarefa do tradutor* (1921), coloca-se em análise a dicotomia fidelidade e liberdade na tradução. Discute-se também (principalmente) sobre a "pervivência", conceito proposto por Haroldo de Campos para referir-se à ideia de uma continuação da vida da obra para além de sua produção e da vida do autor. O estudo observa, como conclusão, de que forma o seriado pode ter aprofundado a versão escrita, enriquecendo a obra como um todo, desde o texto de partida até a adaptação.

Palavras-chave: tradução intersemiótica; adaptação; pervivência; autoria do tradutor.

TRADUÇÃO, FICÇÃO E ESCRITA EM CÉSAR AIRA

Francisco César Manhães Monteiro (UFRJ)

A reescrita e, logo, a tradução em Aira são elementos conceituais, instrumentais e construtivos, e não apenas temas ou exercícios literários. Este jogo entre línguas também está presente de diferentes

modos nos seus conterrâneos Jorge Luis Borges e Ricardo Piglia, assim como em João Guimarães Rosa, Rilke, Primo Levi, Cervantes e outros. Em Aira, é um elemento preponderante. Num texto recente, reconhece que, embora tenha deixado de ser um tradutor profissional há muito tempo, incorporou os problemas, dificuldades e impasses da tradução ao seu método de trabalho criativo; o que não é incomum entre autores relevantes que se intimaram com a tradução. Tendo sido tradutor desde jovem, apresenta-se em suas (auto)ficções não só com a atitude e profissão de tradutor, como também são recorrentes nele as metáforas do tradutor: ator, clone, vampiro, Doppelgänger, escritor mercenário (nègre ou ghost writer). Sua incorporação da tradução estabelece uma relação elaborada e buscada entre o estar em casa e em exílio nas línguas, combatendo o conforto e buscando o desconforto criativo. Aira desenvolve uma Poética da Dificuldade, nas palavras de Lídia Santos, conjuntamente com uma Poética da Reescrita, como descrita por Marta Anacleto, ambas alicerçadas uma estética e ética da experimentação que, por sua vez, tangencia o vanguardismo dos anos 1920 e as recentes éticas e poéticas da tradução de Henri Meschonnic. O fulcro do texto é demonstrar como a ficção e, sobretudo, a autoficção de César Aira se imbricam com seu ensaísmo, sendo a poética da tradução e da reescrita o seu ponto de partida referencial.

Palavras-chave: César Aira; autoficção, tradução, reescrita.

O CORPO DINAMÍTICO: LUIZA NETO JORGE TRADUTORA

Gabriela Familiar de Abreu Carneiro (UFRJ)

A poesia de Luiza Neto Jorge é portadora de uma escrita corporal, orgânica e sensível. O corpo se torna um espaço que estabelece um diálogo entre poeta e poema, e cujo resultado é uma voz que se faz agente. Além de poeta, Luiza traduziu várias obras para o português, adaptou peças, criou diálogos para o teatro. A nossa pesquisa tem como foco a tradução de poesia, feita por Luiza Neto Jorge, do francês para o português. Falar de tradução literária é, certamente, uma arte. Neste processo há o tradutor de literatura, que, em uma primeira distinção, se difere quanto ao tradutor técnico, uma vez que não podemos atribuir a este as mesmas competências necessárias ao primeiro. Assim como um poema suscita várias leituras, o tradutor sempre se sujeita a uma delas, e raramente (quando nunca) ela é igual a de outro tradutor – e por isso a arte de traduzir requer uma leitura detida e crítica. Uma outra distinção deve ser feita, pois nos direcionamos aqui ao tradutor-poeta – este que, por fazer poesia, já possui uma experiência própria (de escrita e, principalmente, leitura). Com base neste pensamento, procuramos pensar o papel de Luiza como tradutora; e que, por ser poeta, não apenas traduz, mas cria.

Palavras-chave: Poesia portuguesa; *Poesia 61*; Erotismo.

TRADUÇÃO DISRUPTIVA E DISRUPÇÃO TRADUTÓRIA: AS RELAÇÕES DE INTIMIDADE ENTRE SUBALTERNIDADE E PRÁTICA TRADUTÓRIA EM *THE POLITICS OF TRANSLATION* DE GAYATRI SPIVAK

Gabriel S. Philipson (UNICAMP/FAPESP)

Tradurre è tradire, o famigerado slogan que ronda a prática da tradução, adquire um aspecto muito particular quando pensado a partir do problema das múltiplas relações interlinguísticas e intraculturais da perspectiva pós-colonial, feminista e subalterna. Não porque assumamos alguma espécie de essencialidade a partir da qual aquela que os reivindica não possa ser criticada – uma crítica comum, porém superficial –, mas justamente pelo contrário, porque ao os reivindicarem, se assume uma posição questionadora radical antiessencialista das práticas e dos sentidos políticos da tradução

pensada. Se a perspectiva do pensamento pós-colonial no campo do pensamento sobre a tradução se volta contra uma possível posição da “tradução pela tradução”, análoga à da “arte pela arte”, exigindo que se a pense a partir das correlações de força e de poder entre língua, cultura e posição política colonizadas e colonizadoras, isso não ocorre, contudo, por invocar um pensamento da tradução não imanente à tradução. Na verdade, é possível pensar que se trata de uma posição ao mesmo tempo interna e externa, imanente e transcendente à tradução enquanto tal: por um lado, parte-se de campos externos ao da tradução, como a ética e a política, para se pensar o que a tradução é; por outro, é porque a tradução é o que é que ela assume um lugar nuclear dentro do próprio pensamento ético exterior a ela. Minha hipótese de leitura consiste em sugerir que é nessa posição fronteira interna/externa que a tradução e a prática tradutória foram abordadas por Gayatri Chakravorty Spivak.

Palavras-chave: tradução e feminismo; tradução e teoria pós-colonial; tradução disruptiva.

TRADUÇÃO, FORMAÇÃO E OFÍCIO: O PROJETO LABESTRAD/UFF

Giovana Cordeiro Campos de MELLO (UFF/Labestrاد)

Esta comunicação apresenta o trabalho do Labestrاد – Laboratório de Estudos da Tradução da UFF, com ênfase nas atividades da equipe de inglês. O Labestrاد/UFF foi criado em 2013, pelo GLE (Departamento de Letras Estrangeiras Modernas), como projeto de extensão, visando, principalmente, à formação de tradutores. Em seis anos, o número de participantes passou de 11 para mais de 30, incluídos docentes e discentes de graduação e de pós-graduação, demonstrando o interesse pela tradução, bem como a pertinência do trabalho realizado. Atualmente, são seis línguas estrangeiras de atuação: alemão, espanhol, francês, inglês, italiano e russo. As traduções são desenvolvidas por discentes e docentes orientadores sempre a partir de reflexões teórico-práticas, abrangendo ensino, pesquisa e extensão. A equipe de inglês tem como referencial teórico os Estudos da Tradução, que propõem a tradução como processo sócio-histórico e político-ideológico. Elegemos como conceitos básicos os de reescrita e patronagem (Lefevere, 1992) e de domesticação e estrangeirização (Venuti, 1986, 1995, e 1998). Também baseamo-nos em Britto (2002, 2012), ampliando o escopo de sua discussão sobre a tradução literária para diferentes modalidades de tradução, como a especializada e a audiovisual. Outras referências são abordadas de acordo com o tipo de trabalho a ser realizado. Como resultados, além das traduções em si, citamos a formação dos discentes da UFF em geral, uma vez que as pesquisas e discussões desenvolvidas no Labestrاد, as quais envolvem a relação academia/mercado, são levadas para as disciplinas de graduação e de pós-graduação, bem como para as oficinas e comunicações realizadas em eventos diversos.

Palavras-chave: Tradução – Formação – Ofício – Labestrاد/UFF

TRADUÇÃO DE NOMES FALANTES E O PAPEL CRIATIVO DO TRADUTOR

Greice F. Drumond (UFF)

É nosso objetivo apresentar o resultado do trabalho de *retradução* da peça *A Paz* de Aristófanes (V séc. a. C.). Partiremos da análise de Berman (1990) acerca do papel da *retradução* na cultura receptora, a fim de compreendermos a necessidade de novas traduções de uma mesma obra. Sabemos que a comédia grega antiga ou aristofânica criava, muitas vezes, suas próprias personagens, em vez de tomá-las dos relatos da tradição mítica, como era frequente na composição das tragédias. Por isso, objetivamos expor as soluções tradutórias aplicadas aos nomes da personagens da peça, pois, para enfatizar a função dramática da personagem, eram-lhes dados, no texto de partida, “nomes falantes”,

formulados por meio de uma lexicalização que indica mais diretamente a atuação daquele indivíduo que está sendo representado no drama cômico. Em nossa *retradução*, decidimos atualizar esses nomes em língua portuguesa, procurando reproduzir um efeito parecido ao que foi ocasionado na *performance* da peça. Destacamos a importância da intervenção criativa do tradutor, necessária para trazer à língua de chegada, de forma aproximada, a cor e o brilho percebidos no original. Assim, procuramos ilustrar, com trechos retirados da peça traduzida, a relação entre a análise teórica no campo dos Estudos da Tradução e a prática tradutória em si.

Palavras-chave: Estudos da Tradução, *retradução*, comédia aristofânica, *nomes falantes*, *performance*.

OS SONETOS DE PAUL MULDOON E SUAS QUESTÕES TRADUTÓRIAS

Guilherme Bernardes (UFPR)

Paul Muldoon é um poeta norte-irlandês nascido em 1951. Atualmente leciona poesia na Universidade de Princeton. Dentre as formas-fixas mais utilizadas por Paul Muldoon para construção de sua obra, uma delas se destaca não apenas pela inventividade temática nela explorada e suas inúmeras reelaborações e deformações formais de composição, mas também pela quantidade, muito superior às outras: o soneto. Uma das formas mais tradicionais de composição poética desde meados do século XIII, o soneto possui três formações canônicas principais: o soneto italiano (petrarquiano), o soneto francês, e o soneto inglês (shakespeariano) (LIMA, 2007). Paul Muldoon varia sua construção entre todas elas e vai além. Como característica de sua poética, Muldoon costuma servir-se de formas tradicionais ao mesmo tempo em que as modifica quase completamente, mas ainda assim mantendo características suficientes para que elas ainda possam ser chamadas de soneto, sextina, vilanela, pantum, rondó, dentre outras formas exploradas pelo poeta. Neste trabalho, serão expostos brevemente os pressupostos básicos para a elaboração do soneto segundo as três tradições principais apontadas por Renira Lisboa de Moura Lima em seu *A Forma Soneto*, para em seguida demonstrar no que diferem os sonetos de Muldoon em relação a estas tradições. A partir disso, uma reflexão quanto aos problemas para a tradução dessa forma-fixa será realizada, para, na sequência, alguns exemplos do trabalho tradutório serem também apresentados.

Palavras-chave: Paul Muldoon; Poesia irlandesa; Soneto; Tradução; Poesia pós-moderna

MAKING IT NEW: EZRA POUND E A MÁSCARA DE FRANÇOIS VILLON EM “VILLONAUD FOR THIS YULE”

Guilherme de Oliveira Delgado Filho (UFPB)

Em razão de sua considerável influência, responsável por uma série de desdobramentos dos mais significativos na poesia do século XX, o poeta estadunidense Ezra Pound (1885-1972) se prova a grande motivação desta comunicação. Sua atitude de ruptura com a geração imediatamente anterior o levou a buscar em um passado ainda mais distante os artifícios que não encontrava na poética de seus contemporâneos de língua inglesa. Nesse sentido, demonstraremos como a cronologia de sua formação universitária foi decisiva para o estabelecimento de uma obra fortemente guiada pela tradição. Dentro dessa lógica, buscaremos localizar a presença da Idade Média em sua obra poética, mais especificamente em seu terceiro livro de poemas – “*Personae*”, de 1909. O motivo de nos determos sobre “*Personae (1909)*” reside na formulação das chamadas “máscaras poundianas”: máscaras pelas quais Pound se apropriava das *personae* de outros poetas, com destaque para o provençal francês François Villon. Assim, examinaremos o léxico e as estruturas sintáticas presentes

em um dos poemas do livro, uma balada intitulada “*Villonaud for this Yule*”, com o objetivo de identificar um determinado “efeito” produzido sobre o leitor, configurando, assim, um determinado “tom” ao texto. Finalmente, apresentaremos uma tradução que não ignore os aspectos formais do poema em questão, buscando reproduzi-los/recriá-los.

Palavras-chave: Idade Média; François Villon; Poesia de língua inglesa; Personae; Ezra Pound.

A TRADUÇÃO DO PRÓLOGO DO *AUTO-PUNIDOR* DE TERÊNCIO EM DODECASSÍLABOS

Heloize Moreira Fortunato (UFF)
Beethoven Alvarez (orientador, UFF)

Nesta comunicação, propomo-nos a apresentar, pela primeira vez, a tradução em dodecassílabos dos cinquenta e dois versos do prólogo da peça *Heautontimorumenos* (*O Auto-Punidor*), do comediógrafo latino Terêncio (195/185-159 a.C.). Embora única, há uma outra tradução versificada em língua portuguesa que conhecemos desta peça, a tradução de Leonel da Costa Lusitano, realizada no século XVII, desse modo, a tradução aqui proposta se coloca como uma retradução e corresponde aos conceitos de Walter Benjamin em *Die Aufgabe des Übersetzers* (1923) acerca da necessidade da renovação da tradução. Utilizamos as ideias de Schleiermacher em *Sobre os diferentes métodos de traduzir* (1813) para realizarmos as escolhas em nossa tradução, ora levando o texto até o leitor, ora fazendo o leitor ir até o contexto de partida dentro da nossa proposta tradutória. Nos pautaremos, também, no conceito de hierarquização de conteúdos presente no livro *A Tradução Literária* (2012) de Paulo Henriques Britto, pois é necessário elencar elementos prioritários na tradução em verso, de modo a recriar, ou não, determinados efeitos que possam ser mais ou menos relevantes na proposta de tradução daqueles versos. Este trabalho é fruto do nosso projeto de IC (PIBIC/UFF) e está relacionado às atividades do Núcleo de Tradução e Criação (ntc/UFF) e do Laboratório de Estudos Clássicos (LEC/UFF).

Palavras-chave: tradução poética, comédia latina, Terêncio

TRADUÇÃO E CRIAÇÃO: O CASO DA TRADUÇÃO AUTOMÁTICA

Jorge Hernán Yerro (UFBA)

Costuma-se entender a tradução como a reescrita criativa de um texto, que resulta em um novo texto. No entanto, isso supõe assumir uma definição de criação que costuma ser aceita a priori sem questionamentos, o que faz com que as conclusões a que se chega com base nela acabem funcionando como preconceitos. Com base na problemática introduzida, a questão que pretendo abordar tem a ver com as possibilidades que oferecem os novos tradutores automáticos, baseados nos mais recentes algoritmos executados por meio de inteligência artificial, de produzir traduções de textos literários, ou seja, traduções criativas. Procurarei, em um primeiro momento, pensar a definição de criação e suas implicações no processo tradutório. A continuação, apresentarei um pequeno panorama da atualidade da tradução automática e dos mecanismos que utiliza para alcançar seus resultados. Finalmente, refletirei sobre a (im)possibilidade de entender a tradução automática como um processo criativo. Esta comunicação se dá como parte do projeto de pesquisa *Uma voz automática(?) para os sem voz* (UFBA), que procura identificar os resultados alcançados pela tradução e legendagem automáticas da plataforma de vídeos Youtube.

Palavras-chave: tradução, criação, tradução automática

TRADUZIR Ó DE NUNO RAMOS: UM DESAFIO PLÁSTICO

Irma Caputo (PUC-Rio)

O objetivo desta comunicação é apresentar uma parte da reflexão, já em fase avançada, que acompanha o trabalho prático de tradução para o italiano do livro *Ó* (2008), de Nuno Ramos.

Nuno Ramos usa em sua escrita, pensada como campo expandido, práticas que são próprias das artes plásticas, incorporando procedimentos estéticos que, no limiar entre artes plásticas e literatura, obrigam o tradutor a uma constante tradução intersemiótica antes da passagem de uma língua para outra. Os procedimentos estéticos usados na escrita, e em parte mutuados das artes plásticas, visam uma plasticização e sensorialização de todos os temas da escrita. Os assuntos mais díspares passam por um processo de plasticização/sensorialização que leva o tradutor-leitor a vivenciar matéricamente, sensorialmente e plasticamente aquilo que lê para, num segundo momento, transpor essa experiência plástico-sensorial novamente na escrita de chegada. Em última instância, o texto traduzido também terá que conter o mesmo efeito plástico-sensorial, induzindo a escrita a uma materialização e sensorialização através da vivência despertada no corpo leitor. Neste sentido, é como se todo o processo de tradução envolvesse uma dupla tradução intersemiótica ao avesso. Serão apresentados trechos de textos traduzidos partindo da ideia de que, por vezes, a tradução literária, especialmente de textos no campo expandido, também envolve processos intersemióticos que entrelaçam mais tipologias de traduções entre si na produção de um texto escrito.

Palavras-chave: Nuno Ramos; tradução literária; português/italiano; *Ó*; novos cenários da escrita brasileira.

AS NARRATIVAS DE JESSE B. SEMPLE, DE LANGSTON HUGHES: (RE)CRIAÇÃO E ORALIDADE NA TRADUÇÃO

Isadora Moreira Fortunato (UFF)

Neste trabalho apresentamos as narrativas de Jesse B. Semple, escritas por Langston Hughes (1902-1967), lançando luz sobre o trabalho de tradução das histórias aparentemente "simples" do autor, mas que se revelam muito mais complexas tanto estruturalmente quanto em seu conteúdo, que envolve discussões sociais e ideológicas. Trataremos de questões de oralidade (Costa e Simões, 2015, Rosa, 2015; Salgueiro, 2014), variação linguística (Bagno, 2007; Labov, 1972; Lucchesi, Baxter e Ribeiro, 2009) e dos conceitos de oralidade fingida e inverossímil (Bagno, 2017) na tradução. Apontando os problemas e as soluções que surgiram no processo de tradução, pretendemos abordar também a questão da autoria do tradutor em seu trabalho e de como ele precisa lidar com fatores linguísticos que estão fortemente ligados a fatores contextuais. Propomos uma discussão que envolve língua, cultura e sociedade em uma perspectiva de tradução pós-colonial, refletindo sobre como o tradutor se coloca diante desses fatores ou, ainda, está atravessado por eles.

Palavras-chave: Tradução, Oralidade, Variação linguística, Criação.

ARTPERFORMANCE SURDA - UMA TRADUÇÃO MAIS DO QUE FÍLMICA

Joesér Alvarez (UNIR)
Ariana Boaventura (UNIR)
Indira Simionatto Stedile Assis Moura (UNIR)
Ednéia Bento de Souza Fernandes (UNIR)

Apresentamos este trabalho enquanto memória, ou, *making-off* descritivo da criação e produção do videodocumentário curta-metragem intitulado “ArtPerformance Surda”: um registro histórico sobre a constituição e formação de um grupo de teatro composto por jovens surdos na cidade de Porto Velho, Rondônia. A abordagem do referido documentário mescla cenas filmadas e faladas em Libras com tradução do áudio em português brasileiro a cenas filmadas em português brasileiro, com tradução e janela em Libras. O eixo narrativo procura abordar a realização de uma Oficina de Poesia em Libras proporcionada pelo Ponto de Cultura ACME ministrada por um ouvinte e intérprete da Libras, bem como, os resultados obtidos a partir dessas ações de ativismo cultural. Ao refletir sobre a função da performance enquanto linguagem artística multiconceitual na definição de certas artes do corpo e seus movimentos, observamos que as práticas cotidianas dos surdos são performáticas e inerentes à própria língua, embora a grande maioria desses, desconheça as imbricações artísticas do termo “performance”. Assim, no intento de historicizar e analisar tais inflexões entre Ser Surdo, Performance e Tradução no campo cultural e artístico local, procuramos evidenciar as dificuldades e os desafios enfrentados não apenas na tradução performática, mas também, no momento da pós-produção audiovisual, analisando tais questões sob a ótica das atuais políticas públicas para o audiovisual brasileiro quanto à acessibilidade linguística, considerando essas, um marco importante na luta pelos Direitos Humanos do povo Surdo.

Palavras-chave: Performance; Língua de Sinais; Cultura Surda; Janela em Libras; Tradução;

TRADUÇÃO POÉTICA DE SÍMILES ÉPICOS DA ENEIDA

Jonathan Henrique Marcos de Azevedo (UFF)
Beethoven Barreto Alvarez (Prof. Dr. Orientador – UFF)

A *Eneida*, de Virgílio (70-19 a.C.), é sem dúvida uma das obras poéticas de maior expressão na Literatura Latina. Mantendo-se viva com o passar dos séculos, a épica virgiliana se reinventa a cada dia, seja resgatando discursos perdidos, seja fazendo novos sentidos para novos leitores. Fundamental para isso são suas inúmeras traduções. Na língua portuguesa, p.e., nos últimos anos, contamos com três recentes reedições de antigas traduções e com duas novas traduções em verso da obra integral, além de diversas traduções avulsas de partes da obra. Meu trabalho pretende se inserir na discussão da tradução em verso da *Eneida*. Ao longo do tempo, o decassílabo se estabeleceu como equivalente heroico do hexâmetro latino. Barreto Feio & Costa e Silva (Portugal, 1845, 1857), Odorico Mendes (Brasil, 1854, 1858) e Agostinho da Silva (Portugal, 1993) foram poetas que traduziram em decassílabos a *Eneida*, cada um a seu modo e em sua época. Nessa proposta de comunicação, que é fruto do meu projeto de Iniciação Científica financiado pela FAPERJ, objetivo apresentar minha tradução poética em decassílabos de alguns trechos da obra, tendo como base e inspiração tanto um aparato mais teórico sobre tradução quanto a análise do processo tradutório dos poetas citados. Os trechos selecionados contemplam alguns dos inúmeros símiles épicos presentes na narrativa, mais especificamente, aqui, aqueles cujo elemento comparativo é uma força da natureza.

Por fim, vale mencionar que esse trabalho também se relaciona com as atividades do Núcleo de Tradução e Criação (NTC/UFF) e do Laboratório de Estudos Clássicos (LEC/UFF).

Palavras-chave: Estudos Clássicos; Literatura Latina; *Eneida*; tradução poética: decassílabo; símiles épicos.

A TRAGÉDIA SOB O OLHAR DO CINEMA: O CASO DE *IFIGÊNIA EM ÁULIS*

Jorge Eduardo Cardoso Teixeira (UFF)
Renata Cazarini de Freitas (orientadora,UFF)

No final dos anos 70, a adaptação da peça *Ifigênia em Áulis* (405 a.C.), do tragediógrafo grego Eurípidés, representada postumamente, foi lançada nos cinemas. A trama aborda o embate moral de Agamêmnon, líder do exército grego, quanto a sacrificar sua primogênita, Ifigênia, à deusa Ártemis. Com os navios ancorados no porto da cidade de Áulis, o general é informado por um oráculo que os ventos voltarão, permitindo que os helenos continuem sua viagem a Troia, se o general realizar o sacrifício, condição imposta pela deusa por ele ter matado um animal sagrado e ter se vangloriado deste ato. O dilema sobre que decisão tomar aumenta com a chegada da filha e da esposa, Clitemnestra, ambas presumindo que acontecerá o casamento da jovem com o herói Aquiles. A comunicação pretende tratar da adaptação cinematográfica da peça para o filme *Ifigênia* (1977), dirigido por Michael Cacoyannis. Serão apresentados elementos centrais em ambas as obras, como a dessacralização e configuração específica de heróis, a dinâmica entre Agamêmnon e Clitemnestra e a relação dos rituais do casamento e do sacrifício. Além disso, serão elucidados os recursos cinematográficos usados na representação do coro da tragédia grega na grande tela, com algumas reflexões sobre sua identificação no longa. Esta pesquisa está relacionada às atividades do Cineclube Matrizes Clássicas, que exibiu o filme em junho de 2018, e do Laboratório de Estudos Clássicos UFF (LEC/UFF).

Palavras-chave: Eurípidés; teatro; Cacoyannis, adaptação; *Ifigênia*.

TRADUÇÃO MATERIAL

Juliana Di Fiori Pondian (USP/FAPESP)

O que traduzimos quando traduzimos um livro? E se traduzíssemos O Livro? Para além do conteúdo, para além da forma, quando a tradução deve abarcar também, criativamente, o processo editorial? Tradicionalmente, o trabalho editorial é concebido como a arte do invisível: é preciso que o chão de fábrica da composição do livro seja o mais imperceptível ao leitor, e esteja apenas a serviço daquilo que se considera a obra, o texto-do-autor. Por outro lado, há obras que se constituem precisamente em sua apresentação material: na composição da página, no formato do livro, no tipo de papel, no meio de impressão, nos paratextos, entre outros. Do ponto de vista de uma teoria do discurso, postula-se que em ambos os processos está presente uma certa *enunciação editorial*, conceito proposto por Sohier (“L’image du texte pour une théorie de l’énunciation éditoriale”, 2007). Tanto a invisibilidade como a evidenciação de particularidades editoriais consistem de estratégias discursivas (linguísticas, materiais, visuais) para se fazer (não) ver. Diante disso, a tradução criativa pode bem se utilizar dessas estratégias para reproduzir ou recriar uma enunciação editorial original, expandindo os limites da obra-em-si. Logo, o que chamamos, num primeiro momento, *tradução material* é um campo que deve se relacionar aos estudos da edição, de modo a tornar conscientes, por parte do tradutor, as estratégias de enunciação editorial que fazem parte da obra a ser traduzida, para que sejam incluídas no projeto tradutório. Assim, será apresentado o conceito de enunciação editorial

para verificar sua pertinência em traduções editadas ou hipotéticas.
Palavras-chave: enunciação editorial; suporte; tradução; semiótica.

CONFIGURAÇÃO DA TOPICALIZAÇÃO NO CONTO *DIA DOS NAMORADOS* DE RUBEM FONSECA E NAS SUAS TRADUÇÕES AO ESPANHOL

Keren Betsabe González Rodríguez (UFF)

Neste trabalho, pretendemos expor parte da pesquisa que estamos desenvolvendo no doutorado em Estudos da Linguagem. Nesse sentido, analisamos comparativamente as construções de estrutura informativa *tópico*, *tópico retomado*, *subtópico* e *sujeitos não tópicos* no português brasileiro e no espanhol, à luz da perspectiva da linguística funcional e da pragmática. Desse modo, será fundamental entender a relevância do funcionamento dessas estruturas nessas línguas, com o intuito de observar de que maneira elas se configuram no exercício das traduções ao espanhol do conto *Dia dos namorados*, de Rubem Fonseca. Para elaborar as análises contrastivas, escolhemos trabalhar com um texto literário, por meio de corpus paralelo, com uso do programa *software* gratuito de alinhamento *YouAlign* (Terminotix Inc., 2009-2018). A partir das pesquisas que estamos elaborando, foi possível observar que o português e o espanhol são línguas que apresentam um funcionamento pragmático e sintático similar, principalmente, no que tange às estruturas informativas *tópico*, *tópico retomado* e *subtópico*. Conforme os dados coletados, notamos que os sujeitos pré-verbais que concentram estas categorias correspondem em ambos idiomas. Sendo assim, as construções que ocupam a posição sintática de sujeito, pragmaticamente, constituem uma estrutura bimembre *tópico-comentário*, a qual nem sempre coincide com o rema-tema ou aporte-suporte, já que rema/aporte se refere a elementos novos no contexto discursivo.

Palavras-chave: estruturas informativas - topicalização – sujeitos pré-verbais – *Dia dos namorados* – traduções ao espanhol.

A FALÁCIA QUE PERSISTE: A BUSCA POR IDENTIDADE E FUTURO NO ROMANCE E NA HQ *DOIS IRMÃOS*

Laura Isabel dos Santos Vieira (UFF)

Dois irmãos, de Milton Hatoum, é a história de uma família de origem libanesa situada na Amazônia, desde a sua concepção até o seu declínio. O confronto entre os gêmeos protagonistas é contado pela perspectiva memorialista de uma voz que, ao identificar os outros, está em busca de sua própria identidade: Nael, filho da empregada e de um dos gêmeos. Sua jornada é marcada pela presença ausente do que ele descreve como uma “falácia que persiste”: futuros promissores, nunca concretizados. Em 2015, os paulistanos Fábio Moon e Gabriel Bá apresentaram uma nova versão da história da família libanesa, dessa vez no formato de uma história em quadrinhos (HQ). Também gêmeos, os irmãos propõem com a adaptação para a *graphic novel* uma releitura do romance que contribui com uma série de novas interpretações possíveis. Considerando *Dois irmãos* romance e *Dois irmãos* HQ como obras distintas que dialogam entre si, além de serem uma adaptação da outra, apontaremos como a sequência de imagens é utilizada para dar conta de uma questão primordial apresentada no romance: a insuficiência das palavras. Segundo Orlandi (1997), o silenciamento é característica imposta a experiências socialmente marginalizadas, como a da mestiçagem, vivenciada por Nael, a do indígena e do imigrante, presentes na narrativa. Esse aspecto da impossibilidade está presente em ambas as obras, mas, em cada uma, se manifesta de maneira peculiar de acordo com as possibilidades de cada linguagem. Levaremos em conta o deslocamento de uma mesma narrativa

entre duas mídias distintas e as implicações nela provocadas.

Palavras-chave: Milton Hatoum, histórias em quadrinhos, identidade, adaptação.

ARMANDO CARDOSO, TRADUTOR DE ANCHIETA

Leonardo Ferreira Kaltner (UFF)

O filólogo e classicista Armando Eugênio Cardoso (1906-2002) organizou e traduziu, no século XX, diversos volumes das obras completas de José de Anchieta, SJ (1534-1597), publicadas pelas Edições Loyola, em conjunto conhecido por *Monumenta Anchieta*, ainda não finalizado integralmente. As obras que compõem o *corpus anchietanum* foram escritas em quatro línguas: latim, português, espanhol e tupi, representando um dos principais *corpus* para a compreensão do Brasil quinhentista. Descreveremos e analisaremos, na apresentação, as traduções poéticas do latim para o português de Armando Cardoso, seu trabalho filológico com manuscritos e edições dos séculos XVI e XVII da obra de Anchieta, sobretudo *o poema epicum De Gestis Mendi de Saa* (ANCHIETA, 1958, 1970, 1986), à luz da teoria da Historiografia Linguística, a partir dos conceitos de contextualização, do clima de opinião, de imanência e adequação teórica, evidenciando os metatermos empregados em suas análises filológicas e o processo de tradução utilizado na edição moderna das obras anchietanas (KOERNER, 1996; SWIGGERS, 2013).

Palavras-chave: Línguas Clássicas, Literaturas Clássicas, Historiografia Linguística, Tradução poética, Anchieta.

A TRAMA DE MAIAKÓVSKI: UMA TESSITURA TRADUTÓRIA DE SEUS POEMAS LÍRICOS LONGOS

Letícia Mei (USP)

A comunicação pretende refletir acerca das especificidades tradutórias dos poemas líricos longos de V. V. Maiakóvski. O poeta cubofuturista russo privilegiou a fusão de uma complexa trama sonora ao engajamento político e social. Assim seus poemas apresentam grandes desafios ao tradutor: recuperar a aspereza das aliterações e das assonâncias e a criatividade das rimas inesperadas, tudo visando à garantia do ritmo e o destaque do sentido. Neste sentido, é impossível não reverenciar o trabalho pioneiro de Augusto e de Haroldo de Campos em parceria com Boris Schnaiderman na divulgação e consolidação do poeta russo no meio literário brasileiro. Tais traduções são belos exemplos de como a tradução é responsável pela recepção de um autor e de como o produto deste processo prossegue como texto autônomo no cânone da literatura nacional.

Palavras-chave: tradução de poesia; Maiakóvski; Augusto de Campos; Haroldo de Campos; Boris Schnaiderman.

GUIMARÃES ROSA, UM TRADUTOR?

Livia de Sá Baião (PUC Rio)

Em 1957, um pouco antes de sua obra ganhar o mundo, Guimarães Rosa dedicou-se à tradução de uma versão condensada do romance *O último dos maçaricos*, de Fred Bodsworth, que narra a história do último pássaro dessa espécie em extinção. Seria uma preparação para o importante papel que ele viria a desempenhar junto aos tradutores de seus livros? Nos 11 anos que separam a publicação de *Grande sertão: veredas* de sua morte, Rosa consagrou grande parte do seu tempo a auxiliar seus tradutores.

Com Harriet de Onís, trocou mais de 60 cartas sobre a versão de *Sagarana* para o inglês. Na correspondência com Edoardo Bizzarri, revelou influências e meandros de seu processo de criação de *Corpo de Baile* e, com Curt Meyer-Clason, desvendou as diversas camadas de sentido dos contos que compõem o livro *Primeiras estórias*. Seu amigo e crítico literário Paulo Rónai afirma que “o tempo gasto nessa correspondência daria para escrever outro *Corpo de Baile* ou outro *Grande sertão: veredas*. É possível identificar nas sugestões que faz aos seus tradutores, atitudes e concepções sobre a tarefa do tradutor muito semelhantes aquelas que ele adota enquanto tradutor da obra de um outro escritor, como no caso romance de Fred Bodsworth. No presente trabalho, pretendo explorar como o Guimarães Rosa tradutor do texto de um terceiro escritor dialoga com o Guimarães Rosa cotradutor de sua própria obra e, ainda, os diferentes relacionamentos que ele estabeleceu com cada um de seus principais tradutores. Palavras-chave: Guimaraes Rosa, tradutor, tradução.

TRADUÇÃO-EXU: INCORPORAÇÃO E RECRIAÇÃO DA VOZ DE NINA SIMONE NA TRADUÇÃO DE SUAS PERFORMANCES

Luciane Alves Ferreira Mendes (UFPR)

Na presente comunicação abordaremos algumas questões que aparecem na construção de um programa de performance com canções traduzidas a partir de algumas interpretações voco-musicais de Nina Simone. Partiremos de uma proposição de Caetano Galindo (2017, p. 100), para quem a “verdadeira tradução” de canção implicaria, a depender do projeto adotado pelo tradutor, na possibilidade de recriação da performance musical e vocal do texto da língua original. Nessa esteira, o projeto de traduzir e performar canções nos evidencia uma des(re)territorialização (PARANHOS, 2010) da recorrente noção do servilismo do tradutor e da imperfeição da tradução junto ao objeto-sujeito original, pois entendemos que tradução de canção, com vistas à performance vocal, é um tipo de relação (BERMAN, 2013) transcriativa (CAMPOS, 2014) que evidencia a pluridade das vozes (CAVARERO, 2011) do jogo enunciativo: ou seja, a voz de Nina Simone (que opera um gesto de autoria pela interpretação das canções); a incorporação e a performance vocal empreendida pelo corpo da quem traduz (tendo por original as performances da jazzista). Quem traduz se vê numa encruzilhada de escolhas e guia sua feitura de canto via encantamento pela voz do outro. Em uma intersecção com a noção de cavalo de Exú (Orixá mensageiro das encruzilhadas), entendemos que a posição poética e ética (FLORES, 2014) adotada por quem traduz pode desregular as “expectativas racionais” (FLORES & GONÇALVES, 2017) tradicionalmente atreladas à letra, numa desconstrução e recusa de uma tradição platônica que retira a individualidade do corpo e da voz, silenciando a oralidade e o encanto que nela deriva.

Palavras-chave: Tradução de canção. Exu. Performance. Corpo. Nina Simone.

DE DEO SOCRATIS – PRIMEIRA TRADUÇÃO EM LÍNGUA PORTUGUESA

Luiz Karol (UFRJ)

Até 2016, de todos os textos de Apuleio, somente *As Metamorfoses*, obra mais conhecida como *O asno de ouro*, fora traduzida em língua portuguesa, ficando de lado toda sua obra retórica e filosófica. Nosso projeto de doutorado visava a discorrer sobre o Platonismo Médio em Roma, e nenhum texto latino mais bem se adequava a esse propósito. Nossa tese, por conseguinte, teve como balizamento a tradução do original latino, acrescida de contextualização histórica, literária, comentários e notas sobre o texto. Nesse trabalho, procuramos seguir o lema atribuído pela tradição a Eusébio Jerônimo de que a tradução tem de ser tão fiel quanto possível e tão livre quanto necessária.

Dessa forma, em pontos diversos, ora buscamos mais reproduzir o estilo original do autor, na medida do possível, ora optamos por maior inteligibilidade e fluência mais próxima da nossa língua. Frise-se aqui que, apesar da autoria do trabalho, uma vez traduzido o texto completo, não nos furtamos, em alguns momentos, ao cotejo com a tradução francesa, da qual, se discordamos em questões de detalhes, não deixamos de concordar nos aspectos mais amplos. Como exemplo disso, utilizamos vírgulas em passagens que o texto latino é direto; acrescentamos conjunções, principalmente coordenativas, onde se apresentam vírgulas; inserimos anafóricos, seja substantivos, seja pronomes, onde a coesão em língua portuguesa ficava prejudicada pela ausência dos aspectos morfossintáticos específicos das flexões casuais latinas, mas sempre com parcimônia e muita cautela. Enfim, sempre que possível, visamos o máximo possível a não destoar do texto original latino.

Palavras-chave: Apuleio; *De deo Socratis*; Demonologia; A Segunda Sofística em Roma; Platonismo Médio em Roma.

"COMO UMA ESPAÇONAVE QUE SE DESVENCILHA DE SEUS PROPULSORES": SOBRE A TEORIA DE TRADUÇÃO DE KARL DEDECIUS

Magdalena Nowinska (USP)

Karl Dedecius (1921-2016) foi um tradutor extremamente produtivo da literatura polonesa (especialmente da poesia polonesa) para a língua alemã e pode, sem exagero algum, ser considerado um dos mais importantes mediadores da literatura polonesa nos países de língua alemã. Ao lado da sua atividade como tradutor, Dedecius é também autor de diversos escritos teóricos acerca da tradução, nos quais reflete sobre o processo da tradução a partir da sua própria experiência. Em um dos seus textos, ele reflete sobre a tradução como uma espécie de ato de liberação: assim como "uma espaçonave que se desvencilha de seus propulsores", o tradutor literário deve, para Dedecius, se livrar pouco a pouco do "lastro" da língua de saída, para assim poder ser criativo. Na minha comunicação, proponho apresentar e discutir as reflexões de Karl Dedecius acerca da natureza da criatividade tradutorial.

Palavras-chave: tradução literária; criatividade; processo da tradução;

TRADUÇÕES DO CORPO BÁRBARO NA RECEPÇÃO DOS CLÁSSICOS: UMA LEITURA DE MEDEIA

Maria Fernanda Gárbero (UFRRJ / UFMG)

Este trabalho parte da tradução da peça *La Frontera* (1964), de David Cureses, tendo em vista sua relação com a tragédia grega *Medeia*, de Eurípides. Interessa-nos, neste momento, verificar como se constitui a narrativa do "bárbaro", bem como quais elementos reconhecidos socialmente participam em sua bricolagem. Em diálogo com *Facundo*, de Domingo Sarmiento, e *La Cautiva*, de Esteban Echeverría, pretendemos discutir os caminhos que a noção de barbárie passa a representar no imaginário romântico argentino, e como isso promoverá determinadas ressonâncias na compreensão do Outro, que ainda vemos quando quem entra em cena para falar representa uma imagem de desconcerto. Estrangeira, ou melhor, bárbara por antonomásia, a personagem engendrada por Eurípides em 431 a.C, ao matar os filhos na tragédia, dá corpo e imaginação aos poderes desse Outro "em estado bruto", isto é, apartado do sistema simbólico de que nos fala Pierre Bourdieu (1989) ao apontar as ferramentas indissociáveis para um projeto de distinção. Neste sentido, sempre que recuperada nos palcos, *Medeia* não deixa de sugerir essa presença que vem para desestabilizar e, a reboque, permitir que sejam discutidas as tramas perversas que se encontram na composição do

sujeito à disposição; aquele cujo corpo se torna instrumento de disputa na conformação narrativa da rejeição e do aniquilamento.

Palavras-chave: tradução teatral, tragédia grega, recepção dos clássicos.

O ENUNCIATÁRIO DA ODISSEIA EM QUADRINHOS: A QUEM SE DIRIGE A TRADUÇÃO?

Maria Clara da C. Machado (UFF)
Renata Mancini (UFF)

Quando se pensa na tradução de obras da literatura clássica, imediatamente vem à mente as dificuldades inerentes a se estar lidando com uma língua que não é mais falada na modernidade, porém, a proposição de uma tradução intersemiótica traz ainda uma nova gama de desafios para esse projeto. O presente trabalho pretende mostrar alguns aspectos da análise da tradução da *Odisseia* de Homero para o quadrinho homônimo, idealizado pela professora Thereza Virginia Barbosa e ilustrado por Piero Bagnariol, publicado em 2013 pela editora Peirópolis, defendendo a ideia de que esse projeto tradutório se encontra fora da práxis central da tradução para quadrinhos, na qual o leitor previsto tende a ser mais amplo. Mostra dessa forma, que a tradução para quadrinhos também é capaz de manter diversas camadas significativas da obra de partida através da utilização de recursos de conteúdo e expressão, na relação entre verbal e visual, em vez de meramente simplificá-las. A partir da discussão de algumas estratégias de tradução intersemiótica, a pesquisa sustenta que a obra é destinada a um enunciatário específico e íntimo conhecedor da obra clássica

Palavras-chave: tradução intersemiótica; quadrinhos; Odisseia.

POETAS E A TRADUÇÃO DE POESIA NO BRASIL (1960-2009)

Marlova Aseff (PNPD/PGET/UFSC)

O tradutor que igualmente atua como poeta ou escritor assume dois papéis: o de importador de textos e o de produtor em seu sistema literário. Por isso, saber se um tradutor de poesia é também poeta transforma-se em um fator relevante de análise, pois esse fato trará consequências ao sistema literário. Além de incluir a obra traduzida no sistema literário nacional por meio da tradução, eles também podem introduzir um novo repertório aprendido e exercitado no processo tradutório em seu trabalho poético autoral. O contrário também é verdadeiro: poderá também adaptar a poética do autor estrangeiro aos modelos predominantes em seu meio literário. Esta comunicação aborda em que medida a atividade dos poetas brasileiros como tradutores assumiu de fato relevância para o sistema literário brasileiro no século 20 e início do 21. Serão apresentados dados da pesquisa “Poetas-tradutores e o cânone da poesia traduzida no Brasil (1960-2009)”, que teve como objetivo principal o de dimensionar o trabalho dos poetas-tradutores e o peso de suas escolhas tradutórias no universo da tradução de poesia no Brasil no período de cinco décadas. A partir do conjunto dos dados colhidos, foi possível chegar a uma ideia clara do espaço conquistado não somente pelos poetas-tradutores, mas também pela própria tradução de poesia no sistema literário brasileiro. A pesquisa revelou que, dos tradutores de poesia que publicaram no período, 45% eram/são poetas e que eles foram responsáveis pela tradução de 69% dos títulos de poesia traduzida publicados no período estudado.

Palavras-chave: Poetas-tradutores; Poesia traduzida no Brasil; História da tradução

“DANÇA DE FORÇA”: O RITMO MÉTRICO EM TRÊS TRADUÇÕES DE RAINER MARIA RILKE

Matheus Barreto (USP)

Pretendo na presente comunicação tratar de três propostas tradutórias para o influente poema “Der Panther” de Rainer Maria Rilke (1875-1926), a saber: de Geir Campos (1924-1999), de José Paulo Paes (1926-1998) e de Augusto de Campos (1931-); debruçando-me para isso sobre aquilo que propuseram os tradutores no campo formal de suas traduções, ou seja, aquilo que lhes possibilitou se dedicarem à “sua missão doadora essencial, que é justamente aquela de perseguir a *Art des Meinens*, a *Art der intentio*, o “modo de significar”, o “modo de intencionar”” (CAMPOS [Haroldo de], FALE/UFMG, 2011). Visto que Rilke estrutura seu poema com base na alternância de agrupamentos de sílabas poéticas, pretendo aplicar à leitura comparada das três traduções e à destas com o texto de Rilke a noção de trabalho com as “células métricas” tal qual formulada por Cavalcanti Proença (1955) e Leodegário de Azevedo Filho (1971). Estes propuseram para a língua portuguesa a atenção formal ao *agrupamento de sílabas poéticas*, e já não mais às sílabas poéticas separadamente, como é ainda tradição na poesia lusófona. Tal leitura a partir da noção de “célula métrica” me parece interessante por trazer ao centro da discussão um elemento que determinou as próprias formulação e estruturação do poema “Der Panther”, elemento do “modo de significar” do poema, já não uma rasa “redoação do sentido referencial” (Idem); o que, parece-me, ilumina novas facetas tanto do poema de Rilke quanto dos poemas dos tradutores, e deixa especialmente à mostra a grande inventividade de Augusto de Campos.

Palavras-chave: Rilke; células métricas; tradução comparada; Augusto de Campos.

RASURAS E DESPEJOS: ENUNCIÇÕES COLETIVAS

Matheus Marques da Cunha Carvalho (PUC-Rio/PPGLCC)

Neste trabalho, a proposição é justapor o livro *Quarto de despejo*, de Carolina Maria de Jesus junto a pichações textuais, investigando a proposição de ambos como rasuras da cidade. O objetivo desta leitura conjunta é pensar ambas as proposições escriturais a partir de uma ideia de se escrever para existir – conferir existência a partir do gesto de escrever. Para tal, utilizaremos a noção de língua menor (Deleuze; Guattari, 1977), tendo em vista o seu forte coeficiente de desterritorialização, e de enunciação coletiva, presentes em ambas as proposições objeto deste trabalho. Ainda, utilizaremos a ideia de experiência opaca (Garramuño, 2016), para se referir a um tipo de experiência-limite-cotidiana a qual se tenta capturar – ou traduzir – na tentativa de um relato ou escritura. Outro viés do trabalho, é o pensamento a respeito da inserção do corpo – enquanto mecanismo produtor de linguagem e sentido – no espaço vigiado da cidade, regido pelos sistemas de poder. Os interlocutores a esta etapa do trabalho são Ericson Pires (2007) e André Lepecki (2012).

Em suma, o pensamento a ser desenvolvido no trabalho parte do seguinte pressuposto: Carolina, em seu diário, expunha as rachaduras no estado das coisas, assim como as pichações textuais provocam rachaduras nas coisas do Estado – muros, viadutos, etc. Em *Quarto de despejo*, assim como em diferentes pichações textuais, é possível enxergar certa escrita cujos efeitos urbanos mostram-se pela rasura. Cada uma dessas produções literárias possui suas particularidades e diferenças, porém ambas, também se unem enquanto dispositivos (e/ou efeitos) criativos de processos de enunciação coletiva.

Palavras-chave: rasura; pichação; cidade.

A VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NO “MANUAL PRÁTICO DO ÓDIO” DE FERRÉZ: UMA ANÁLISE DA TRADUÇÃO DE LUCÍA TENNINA

Matheus Oliveira Paiva Curi (UFF)
Carolina Geaquinto Paganine (orientadora, UFF)

O presente trabalho busca investigar como as marcas de oralidade do livro “*Manual Prático do Ódio*” de Ferréz, nome artístico de Reginaldo Ferreira da Silva, foram traduzidas para o espanhol rio-platense pela professora e tradutora Lucía Tennina (Universidad de Buenos Aires). Pretende-se também pensar quais são as possíveis implicações das escolhas tradutórias na estética do livro. Em outras palavras, quais são os efeitos gerados pela tendência estrangeirizante ou domesticadora seguida pela tradutora, levando em consideração o caráter subversivo e representativo da literatura marginal, além de como essas características estão inscritas na linguagem empregada pelo autor. Para responder tais questionamentos, os marcos teóricos usados serão os conceitos de “*efeito de verossimilhança*” e de “*marcas de oralidade*” apresentados por Paulo Henriques Britto (PUC-RJ) em “*A tradução literária*”, bem como as discussões sobre os impactos da estrangeirização e da domesticação no ato de traduzir literatura feitas por Mária Averbach (Universidad de Buenos Aires) em “*Traducir literatura: una escritura controlada*”.

Palavras-chave: Ferréz, Lucía Tennina, literatura marginal, variação linguística, tradução literária.

LOS PREDICADORES DE RODOLFO SANTULLO EM PORTUGUÊS: TRADUÇÃO COMENTADA DE UM CONTO URUGUAIO

Nathaly Silva Nalerio (UFPel)
Andrea Cristiane Kahmann (orientadora, UFPel)

Na presente tradução comentada, pretendemos apresentar o nosso processo tradutório para a tradução de *Los predicadores* de Rodolfo Santullo. Escritor mexicano-uruguaio, além de jornalista e editor, Santullo é autor de muitos romances gráficos, dentre os quais, *Cena con amigos*, *Los últimos días del Graf Spee*, *Zitarrosa* e *Acto de Guerra*. Além disso, é escritor das novelas *Cementerio Norte*, *Sobres Papel Manila* e *Luces de Neón*, entre outras, e é considerado um dos autores pertencentes à nova corrente do gênero Noir no Uruguai. *Los predicadores* é um conto de suspense policial que traz todo um contexto cultural uruguaio e que se passa em *Punta del Diablo*. Portanto, é um conto com itens culturais específicos do Uruguai, como o *guiso*, o *mate*, a *Prefectura Naval*, a *ANP (Administración Nacional de Puertos)* e a *ANTEL (Administración Nacional de Telecomunicaciones)* e que traz, também, vários comportamentos típicos do uruguaio que permitem a imersão do leitor no cotidiano do país. Além disso, o conto está repleto de terminologia náutica, como, por exemplo, *motor fuera de borda*, *ancla*, *balsa*, *ojo de buey*, *castillo en popa*, *dársena*, *caldera*, *litera*, *calado* e *cascarón de nuez*. Trata-se, portanto, de um trabalho dentro da tradução literária, com adaptações da linguagem utilizada pelos personagens nos diálogos e com a tentativa de manter o contexto uruguaio e náutico presente. Apresentaremos o processo tradutório realizado para se chegar ao texto traduzido, ao tecer comentários acerca das nossas estratégias de tradução e fazer recortes das retraduições realizadas dentro do mesmo processo.

Palavras-chave: Tradução comentada; Tradução de literatura Noir; Pesquisa terminológica aplicada à tradução literária; Tradução de diálogos.

EMILIO VILLA: O ENIGMA TRADUTOR

Nayana Montechiari (UFRJ)

Emilio Villa foi poeta e tradutor, crítico de arte e pintor. Preocupado com a língua e com a linguagem, traduziu a Bíblia e também tabuletas mesopotâmicas. Sua obra crítica e poética apresenta diversos textos ligados aos temas filológicos e linguísticos, demonstrando o cuidado com a escolha das palavras e a preocupação de seus estudos sobre a tradução. *Poesia è* foi criada em metapoesia, descrevendo a poesia como objeto de arte e como ação criadora: uma construção labiríntica e enigmática. Haroldo de Campos (1977) descreve a metapoesia como um questionamento “sobre si mesmo”, o metapoema é um poema sobre a sua própria essência, sobre a alma do poeta enquanto poeta e sobre a poesia em si. Um questionamento existencial, uma “indagação” intrínseca sobre o ser e fazer poesia. Uma linguagem própria ao poeta sobre a arte de poetar, construída na “*palavra sob a palavra*”. O poeta traduz e, ao traduzir a si mesmo, cria um enigma linguístico.

Palavras-chave: Emilio Villa, Tradução, Literatura Italiana, metapoesia, enigma

TRABALHANDO EM EQUIPE: AS TRADUÇÕES DOS POEMAS VLADÍMIR MAIAKÓVSKI POR BORIS SCHNAIDERMAN E SEUS PARCEIROS

Paula Costa Vaz de Almeida (USP)

O objetivo da comunicação será, por meio da análise de poemas selecionados, comentar a parceria entre Boris Schnaiderman e Haroldo e Augusto de Campos na tradução – ou transcrição – dos poemas de Vladímir Maiakóvski para a língua portuguesa do Brasil. A partir dos excepcionais resultados obtidos pelo trio, busca-se evidenciar os benefícios do trabalho em equipe na tradução literária em geral e na poética em particular. Pretende-se, ainda, propor uma reflexão às novas gerações de tradutores no sentido de perceber que, ao nos lançarmos na aventura tarefa da tradução, temos atrás de nós e ao alcance de nossas mãos o acúmulo das gerações passadas ou, melhor, de uma tradição. Em nossa perspectiva, o tradutor é uma personalidade, mas tanto sua atividade quanto a obra que traduz – por sua vez, a criação de uma outra personalidade – são, em essência, impessoais e pertencem ao conjunto do que chamamos de *produção do espírito humano*.

Palavras-chave: tradução poética; poesia russa; Vladímir Maiakóvski.

ESTRUTURA INFORMATIVA NA TRADUÇÃO BRASILEIRA DE *RESPIRACIÓN ARTIFICIAL*, DO ARGENTINO RICARDO PIGLIA

Paulo Pinheiro-Correa (UFF)

Dentro do estudo das funções informativas, a função *foco* indica os referentes que são novos no enunciado. O espanhol argentino, língua do original de Piglia, é considerado uma língua que diferencia referentes novos (focos) de dados (topicais) pela ordem de palavras. Sujeitos topicais tendem à posição preverbal e sujeitos focais (novos), à posição posverbal na sentença. Neste trabalho, na linha de Hajková e Sgall (2003) e Hassler (2008), analisamos comparativamente a marcação do foco no original e as diferentes soluções apresentadas pela tradutora Eloísa Jahn para a sutil expressão dessa diferença entre sujeitos na língua de chegada, em que os sujeitos focais ou topicais tendem todos à posição preverbal. A análise preliminar mostra dois recursos, ilustrados a seguir: 1a. *Orig.Esp*: Un tiempo después me llegaba la primera carta. 1b. *TraduçãoPB*: Pouco depois recebi a primeira carta. 2a. *Orig.Esp*: No podía menos que atraerme el aire faulkneriano de esa historia. 2b.

TraduçãoPB: O ar faulkneriano dessa história só podia atrair-me. (1) mostra a tradução de sujeitos posverbiais do espanhol como objeto direto, com o efeito pragmático de manter o SN com a mesma função pragmática de foco, do original. Em (2) o sujeito focal é trazido ao início da sentença, atendendo a imposições estruturais da língua de chegada. Ao fazê-lo, a tradutora subespecifica a informação pragmática do original, deixando para o leitor brasileiro solucioná-lo na leitura. Tais estratégias mostram limites com os quais é preciso lidar na tentativa de preservar a estrutura informativa do original na tradução do espanhol ao português.

Palavras-chave: Tradução; Espanhol; Funções informativas; Foco.

OS PARATEXTOS DE TRADUÇÃO LITERÁRIA: O CASO DAS TRADUÇÕES BRASILEIRAS DE *HAMLET*

Pedro Luís Sala Vieira (UFRJ)

A peça “Hamlet”, de William Shakespeare (1565-1616) é uma das tragédias mais lidas, encenadas, adaptadas e traduzidas em todo o mundo. Dada a relevância literária, artística e cultural da obra em âmbito universal, as traduções desta peça adquirem a mesma importância, sendo cada nova tradução uma nova releitura da obra em um novo contexto cultural e sociohistórico. A presente pesquisa pretende demonstrar a evolução do discurso em torno da peça shakespeariana e do próprio autor sob uma perspectiva diacrônica por meio da análise dos paratextos das doze traduções de “Hamlet” publicadas no Brasil, desde a primeira tradução, de Tristão da Cunha (Schmidt, 1933) até a última tradução, de Lawrence Flores Pereira (Companhia das Letras, 2015). De acordo com Genette (1997), os paratextos consistem em componentes textuais responsáveis por introduzir a obra ao mundo, influenciando em sua recepção. Pretende-se discutir a existência de temas e padrões discursivos existentes nos paratextos das traduções da peça, além das alterações no discurso ao longo dos anos. A análise de cunho qualitativo entrelaça a teoria da recepção literária e os estudos descritivos da tradução. Ao fim do estudo, propõe-se uma categorização dos paratextos de tradução literária.

Palavras-chave: Tradução; Paratexto; Hamlet; Shakespeare; Recepção.

AS REDONDILHAS DE PLAUTO: UMA TRADUÇÃO DO SEPTENÁRIO TROCAICO

Renan de Castro Rodriguez (UFF)

O presente trabalho, relacionado às atividades do Núcleo de Tradução e Criação (ntc/UFF) e do Laboratório de Estudos Clássicos (LEC/UFF), é um recorte da minha pesquisa de mestrado e tem como principal objetivo apresentar uma tradução em versos dos septenários trocaicos presentes na comédia *Asinaria*, do comediógrafo Tito Mácio Plauto (254-184 a.C), encenada originalmente em Roma, por volta do século III a.C. A comédia republicana possuía um sistema versificatório bem rico e variado de metros. Esse sistema versificatório, baseado nos modelos métricos da Grécia, permitia criar uma estruturação métrica do conteúdo da peça em arcos, que eram divididos em partes faladas, sem acompanhamento musical, e partes recitadas ou cantadas, com acompanhamento musical. Dentre os versos dessa comédia, encontramos os septenários trocaicos, com sete pés trocaicos e meio, que foram os mais utilizados por Plauto, num total aproximado de 47% de todos os versos utilizados por ele em suas comédias. Assim, em minha prática tradutória, tento priorizar o ritmo poético presente nesses versos. Busco a transposição do sistema métrico latino para uma versificação vernácula e a recriação de elementos poéticos presentes no texto de partida (texto latino) no texto de chegada (tradução vernácula). Nesta comunicação, pretendo apresentar uma proposta experimental de tradução de algumas passagens da *Asinaria* em septenários trocaicos para duas

redondilhas de sete sílabas métricas cada, totalizando um número total de 14 a 18 sílabas, com comentários tradutórios à luz dos estudos de Ezra Pound (2015 [1970]), Haroldo de Campos (2013 [1962]), Roman Jakobson (2007 [1959]), e Alvarez (2017, 2018), entre outros.

Palavras-chave: Plauto; *Asinaria*; comédia romana; septenário trocaico; tradução poética.

A TRADUÇÃO ENQUANTO PROCESSO

Renata Mancini (UFF)

O presente trabalho resulta de um esforço para entender de que modo o fazer tradutório se dá no processo que se estabelece entre o texto de partida e o de chegada. Buscando a aproximação da Semiótica com os Estudos de Tradução e Adaptação, procuraremos mostrar que o papel do tradutor passa pelo fazer interpretativo do texto de partida, que guiará o fazer persuasivo do texto de chegada, expandindo os dois polos da enunciação num processo de recriação, em que alguma identidade, mais marcada ou mais difusa, entre os dois textos deve existir. O fazer do tradutor se dá, portanto, na tensão entre o estratégias de persuasão da obra de partida e os caminhos de interpretação que elas facultam, o que, por sua vez, moldarão as novas estratégias persuasivas da obra traduzida. A perspectiva aqui é a do processo. Esse fazer interpretativo diz respeito aos caminhos de processamento inteligível criados no texto, como também aos modos de interação sensível previstos, o que denominamos *modos de engajamento sensível*. Procuraremos definir com parâmetros claros o *projeto enunciativo*, o conjunto de estratégias do texto que visam a construir caminhos interpretativos sobre os quais incidem as triagens do tradutor que modularão as estratégias de tradução.

Palavras-chave: Semiótica; Processo; Tradução; Projeto enunciativo.

TRADUÇÃO LITERÁRIA E CULTURAL DE CONTOS DE HINANI BANNERJI: RELATOS DE UM PROCESSO

Rodrigo da Rosa Pereira (FURG)

Annabela Berudi Leal (FURG)

O entrelaçamento entre teorias e práticas de tradução com questões sociais e culturais se mostra relevante em especial nos casos de literaturas não hegemônicas. Tendo como material de análise, pesquisa e tradução os contos da autora canadense sul-asiática Himani Bannerji, o presente trabalho tem por objetivo fornecer uma breve reflexão a partir do projeto “Traduzindo contos de Himani Bannerji: um processo de tradução literária e cultural”, em andamento, desenvolvido como atividade de iniciação científica na Universidade Federal de Rio Grande (FURG), vinculado ao Grupo de Estudos em Tradução (GET). O projeto se norteia teoricamente através das noções de tradução literária e (inter)cultural, entendendo que é necessário não apenas dar conta de palavras e frases, mas da forma de escrever do autor e de suas particularidades, o que, trazido para um contexto cultural, pode nos mostrar o quanto essas características são fundamentais como marca identitária e para uma melhor compreensão de lugares de fala. Além de acrescer na formação dos envolvidos, em um contexto acadêmico de licenciatura em letras, como resultados das leituras teóricas e das práticas de tradução, espera-se divulgar em língua portuguesa os contos da autora, profundamente engajada em questões feministas, marxistas e antirracistas.

Palavras-chave: tradução literária, tradução cultural, projetos de tradução, literatura canadense sul-asiática.

A TRADUÇÃO DO DISCURSO FEMINISTA DE VIRGINIA WOOLF EM “A ROOM OF ONE’S OWN”: UMA ANÁLISE CONTRASTIVA E BASEADA EM CORPUS

Sandra Almeida (UFJF)
Raquel Villas Longhi (UFJF)

Neste trabalho analisamos duas traduções da obra “*A Room of One’s Own*” (1929), de Virginia Woolf, para o português brasileiro: a primeira, realizada por Ribeiro (1985), e a segunda, por Souza e Mattoso (2014). Com base na Teoria dos Polissistemas (Even-Zohar, 1990), e nos conceitos de manipulação, reescritura e patronagem (Lefevere, 2007), procuramos mapear o tratamento que cada uma delas deu ao discurso feminista e à representação da mulher presentes na obra original. Para tal, realizamos uma leitura contrastiva dos três textos, aplicando a eles as ferramentas quantitativas da Linguística de Corpus (Baker, 1996; Berber Sardinha, 2000, 2004; Tagnin, 2002), a saber: *Wordlist*, *Collocates* e *Concordance*, do programa *AntConc* (ANTHONY, 2018). Para a análise qualitativa, selecionamos aleatoriamente 36 excertos em cada volume, totalizando 108 dados no total, que foram qualitativamente analisados, utilizando-se as estratégias tradutórias propostas por Baker (1996), a saber; simplificação, explicitação, normalização e nivelamento. Os resultados mostraram, entre outras questões, que a obra de 2014 é a mais extensa e que a de 1985 revela um conflito entre o discurso feminista de Virginia Woolf e o discurso opressivo inerente ao polissistema social brasileiro da época, ainda em franco processo de “abertura” sociopolítica. Contudo, como afirma Baker (1996), há uma tendência de textos traduzidos gravitarem ao redor de um continuum, havendo, assim, similaridades entre os textos traduzidos.

Palavras chave: Tradução; Teoria dos Polissistemas; Reescritura; Literatura Feminista; Virginia Woolf.

DA GAIVOTA - A VIDA EM TORNO DO LAGO. TEMA PARA UMA PEÇA CURTA

Susana Fuentes (UFRJ)

Pensar em Letras a criação artística como resposta à leitura, pesquisa, debate e reflexão. Promover caminhos de experimentação. Poesia, imagem, peça teatral. Na realização artística, modos de se aproximar do texto literário: espaço, ritmo, volumes, olhar, escrita de si, memória. Linhas no texto que cruzam os nossos dias, no trajeto de cada um, nos caminhos para a universidade – na leitura, ir ao encontro de uma voz própria, de uma escuta, de se fazer ouvir – e de se ouvir – no caminho para o outro (essa demora onde algo novo surge). O que se apresenta no movimento da escrita? Inscrever-se, implicar-se na cena. No cenário atual – memórias, violências, vestígios – perceber o que resta, o que ainda chega até mim. O que sou capaz de ver – ouvir – marcas – apesar dos apagamentos que se impõe. A partir da leitura de *A Gaivota*, de Tchekhov, a criação em torno de perguntas dessa vida em torno do lago. No Fundão, não um lago, mas a baía, por entre as linhas que cruzam a cidade. Nesse sentido, o que significa estar em sala de aula e viver a perda de um museu? Na pergunta com Tchekhov em torno da gaivota, o que se destrói a troco de nada? Quem é atraído para o lago? O que se produz ali? A partir da peça do autor russo, exposição da obra em processo, uma peça – ensaio – poema. Refletir sobre a universidade, seu espaço de criação, enquanto me deixo atravessar por minha relação com esse espaço na universidade.

Palavras-chave: Tchekhov; espaço; cidade; memória; criação artística.

A TRADUÇÃO DE TEXTOS TURÍSTICOS: MEDIAÇÃO CULTURAL E DESENVOLVIMENTO DAS DESTINAÇÕES

Taís Cristina Veeck (UFSC)

A linguagem do turismo, apesar de carecer de maior atenção por parte da comunidade acadêmica, vem demonstrando ser um campo fértil para pesquisas, especialmente as de cunho cultural. A atividade translacional, por sua vez, está intimamente ligada ao fenômeno turístico, já que esse tende a promover o contato frequente entre pessoas de realidades linguísticas e culturais distintas. A presente comunicação visa analisar a linguagem do turismo enquanto discurso especializado e demonstrar a importância de textos bem redigidos e traduções profissionais para o desenvolvimento socioeconômico das destinações turísticas. O estudo também objetiva explorar o papel de mediador cultural do tradutor, o qual deve não somente conhecer os dois idiomas envolvidos no processo tradutório, mas também estar ciente e respeitar as diferenças entre as culturas de partida e de chegada, o que, no âmbito do turismo, é essencial para realizar escolhas tradutórias eficientes e produzir textos que cumpram sua função informativa e persuasiva, incutindo no público leitor a necessidade da viagem.

Palavras-chave: Estudos da Tradução; turismo; cultura; mediação.

LEGENDAGEM PARA *STREAMING*: O TRABALHO DO TRADUTOR NA ATUALIDADE

Thaís de Assis AZEVEDO (UFF)

Giovana C. C. de MELLO (UFF)

Este trabalho aborda parte de uma dissertação de mestrado, em desenvolvimento no Programa de Pós-graduação em Estudos de Linguagem da Universidade Federal Fluminense (Posling/UFF), e cujo objeto de pesquisa é a legendagem para plataformas de *streaming*. Partimos do pressuposto de que a popularização das chamadas novas tecnologias, principalmente as relacionadas à internet, impactam o trabalho do tradutor, sobretudo no que tange à velocidade de produção das traduções/legendas. Para compreendermos as consequências deste processo sobre o fazer tradutório, analisamos parte das legendas da produção audiovisual *Outlander*, exibida nas plataformas de *streaming* Netflix e Fox Play. O referencial teórico é o dos Estudos da Tradução, com o foco nos conceitos de *reescrita* e *patronagem* (Levefere, 1992) e de *domesticação* e *estrangeirização* (Venuti, 1986, 1995, 1998) para discutirmos a tradução, em geral, e a legendagem, em particular, como um processo complexo, que envolve questões culturais, históricas, políticas e também econômicas. Os resultados parciais indicam que a legendagem para plataformas de *streaming* tem sido feita a muitas mãos, e sem uma maior preocupação com a consistência da tradução como um todo. A partir de nossos recortes, observamos inconsistências entre os diferentes episódios da série, as quais, a nosso ver, impactam a recepção do produto audiovisual pelos espectadores. Assim, se por um lado, há avanços e vantagens relacionados à agilidade na tradução para *streaming* (e sua distribuição), por outro, notamos que a celeridade como exigência de mercado tem contribuído para inconsistências na tradução e gerado até mesmo problemas de qualidade.

Palavras-chave: Estudos da Tradução, Tradução Audiovisual, Legendagem, *Streaming*.

ANÁLISE DAS TRADUÇÕES DE DOIS ENSAIOS SOBRE HISTÓRIA DA CIÊNCIA: UMA ABORDAGEM BASEADA EM CORPUS

Thayna Pinheiro Ferreira (UFRJ/ PIPGLA)

Neste trabalho, analiso o uso dos procedimentos técnicos tradutórios nas traduções de dois ensaios sobre História da Ciência, “Metaphor in Science” e “Comensurability, Comparability, Communicability”, ambos escritos pelo autor Thomas Kuhn e traduzidos para o português por Cesar Mortari. Utilizo, para a análise das traduções, o modelo teórico oferecido por Barbosa (2004), que lista treze procedimentos técnicos, como a tradução palavra-por-palavra, tradução literal, transposição, entre outros. Estes procedimentos são aplicados cotidianamente por tradutores profissionais e também são muito utilizados por pesquisadores na busca por características comuns a textos traduzidos, conhecidas como “universais da tradução”, que por muito tempo estiveram no centro dos Estudos da Tradução Baseados em Corpus (Laviosa, 2004). A análise é realizada a partir de um corpus paralelo e alinhado, que é um recorte de um corpus maior a ser analisado na minha dissertação de mestrado. Primeiramente, faço uma análise quantitativa indicando quais procedimentos são utilizados e com que frequência. Posteriormente, realizo uma análise qualitativa buscando compreender porque alguns procedimentos são mais frequentes e tentando reconhecer as motivações para as escolhas dos procedimentos usados. O ensaio foi escolhido por ser um gênero textual menos rígido, se comparado a outros gêneros do meio acadêmico, e por existirem poucos estudos sobre as características da tradução de ensaios. Assim sendo, com a minha pesquisa, pretendo evidenciar as particularidades desse gênero textual e contribuir para uma crítica construtiva da tradução de textos não-literários buscando enriquecer a reflexão sobre esse tipo de tradução, que ainda é pouco explorada.

Palavras-chave: procedimentos técnicos tradutórios; ensaios sobre história da ciência; corpus paralelo; crítica da tradução.

A TRADUÇÃO COMO FEITIÇARIA

Tiganá Santana Neves Santos (USP)

O traduzir, ao se constituir como uma ação de mediação, a unir e dirimir mundos (culturais, a princípio), parece, fundamentalmente, acontecer nas dobradiças, nos entre-lugares, nas interações. A partir do princípio africano *bantu-kongo*, no seio do qual *kindoki* (traduzido da língua *kikongo*, entre outras acepções, como feitiço ou ciência, para a língua-cultura [lusó]brasileira), com a sua importância prático-conceitual, faz-se vetor de força emanado por pessoas no sentido de atuar nas interações, construímos a ideia do tradutor-*ndoki* ou tradutor-feiticeiro. Isso, sem qualquer pretensão ou determinação universalista, direcionando-nos, sobretudo, para o que cunhamos como certas traduções negras. Pensadores como os congolese Bunseki Fu-Kiau e Zamenga B auxiliam-nos no nosso amparo teórico, bem como a nossa experiência de tradução de sentenças em linguagem proverbial *bantu-kongo* (nomeadamente, *kingana*, na língua *kikongo* — idioma de significativa influência no léxico corrente no Brasil) permite-nos versar acerca da nossa vivência tradutória negra, sob a configuração de uma atuação que se reconhece (de modo, preferencialmente, “complexificado”) noutras percepções da ação-reflexão tradutória, a partir de cosmovisões que não se encontram nos “espaços” narrativos hegemônicos.

Palavras-chave: Tradutor-feiticeiro; Tradução negra; Bantu-kongo; Kikongo; Sentenças em linguagem proverbial.

(RE) TRADUZIR E/OU PERFORMAR: A TRADUÇÃO PARA TEATRO

Tobias Nunes (UFSC/CAPES)

Este breve trabalho tem por objetivo mapear as traduções para o português e o alcance, até então, das obras do dramaturgo irlandês Brian Friel no Brasil, especialmente *Performances* (2003). Bem como também a contextualização das demais peças do autor no trabalho da Cia. Ludens de teatro com montagens, traduções e pesquisas a respeito do teatro irlandês contemporâneo. Além de introduzir o processo de (re)tradução da obra já citada nas vias da tradução intersemiótica.

Palavras-chave: Tradução para teatro; Tradução intersemiótica; Linguagens verbais e não verbais; Teatro irlandês; Brian Friel.

ANTÔNIO HOUAISS, UM TRADUTOR DE *ULISSES*

Vitor Alevato do Amaral (UFF)

Antônio Houaiss (1915-1999) foi o primeiro tradutor de *Ulisses* (1922), do irlandês James Joyce (1882-1941), para a língua portuguesa. Publicada em 1966, sua tradução foi recebida mais calorosamente por alguns e mais criticamente por outros. Entre os que apreciaram o trabalho de forma minuciosa está Augusto de Campos (1931-). Sua tradução abriu caminho para outras duas, realizadas por Bernardina da Silveira Pinheiro (2005) e Caetano Galindo (2012). Tida como erudita e até criativa além do desejável, a tradução de Houaiss vem frequentemente sendo objeto de estudo. Esta comunicação pretende tratar das condições em que Houaiss realizou seu trabalho durante onze meses (de novembro de 1964 a outubro de 1965) e apresentar o incansável e humano tradutor Houaiss que respirava por trás da figura egrégia de dicionarista, enciclopedista e imortal da Academia Brasileira de Letras. Muitos elementos desta proposta de comunicação são oriundos de minha pesquisa realizada no Arquivo da Academia Brasileira de Letras.

Palavras-chave: Antônio Houaiss; James Joyce; tradução.

GHOST IN THE MACHINE: THE TRANSLATOR'S TASK WITHIN THE MACHINE TRANSLATION PARADIGM

William F. Hanes (Scientific Linguagem, Ltda. Porto Alegre, RS)

The exponential increase of global specialized communication such as technical manuals has led to a situation in which any localization (i.e. in the form of translation) is now simply bypassed in favor of a single English-only format, due to constraints imposed by the immense volume and constant updating involved. However, for non-Anglophone scientists to actively participate in the equally burgeoning metanational Sci-Med-Tech literatures, translation is still required, and a lack of qualified local language service providers is still one impediment to greater visibility and credibility for discoveries made in “peripheral” countries. Nonetheless, the same technology that has fueled global networking, electronic journals, and English as the lingua franca of science has also provided a solution, however partial: machine translation. Although still perceived in a negative light by many scholars and language professionals, its practical and ergonomic potential for dealing with high-volume, relatively straightforward modes of communication, such as the scientific article, becomes clearer when the phenomenon is seen in a complimentary, rather than a competitive, light.

That is, when the machine's limits are understood, then the translator's unique value and creative power also become apparent. This presentation will explore these boundaries, focusing particularly on *structure of expression* vs. *strings of words* (i.e., transposition, rather than literal approximation) in the post-editing process of scientific articles machine translated from Portuguese to English.

Keywords: Sci-Med-Tech literature, Translation technology, Machine translation, Post-editing, Human-computer interaction.